



Governador do Estado
ORESTES QUÉRCIA



Secretário da Cultura
FERNANDO GOMES DE MORAIS



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

CONSELHO DE CURADORES

ANA MARIA TEBAR

CARLOS EDUARDO TADEU RAYEL

EDGARD CAMARGO RODRIGUES

Secretário da Cultura

FERNANDO GOMES DE MORAIS

Secretário da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico
LUIZ GONZAGA DE MELLO BELLUZZO

Reitor da Universidade de São Paulo - USP
ROBERTO LEAL LOBO E SILVA FILHO

Reitor da Universidade de Campinas - UNICAMP
PAULO RENATO COSTA SOUZA

Reitor da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP
PAULO MILTON BARBOSA LANDIM

Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP
OSCAR SALA

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente
MARIA ANGÉLICA TRAVOLO POPOUTCHI

Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina
ANTÔNIO MÁRCIO FERNANDES DA COSTA

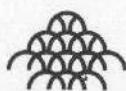
Diretor de Atividades Culturais
JOSÉ FERNANDO DE CARVALHO SEVERINO



memorial da américa latina







MEMORIAL

fundação memorial da américa latina

MEMORIAL:

UM SONHO REALIZADO, UM NOVO PASSO DADO RUMO AO FUTURO

GOVERNADOR ORESTES QUÉRCIA

*M*uitas vezes, quando visito o Memorial da América Latina o que vejo é um antigo sonho transformado em obra de arte e concreto. Um sonho que nosso governo tornou uma realidade pertencente a São Paulo e a todos os brasileiros e latino-americanos. Um espaço de encontro e identidade de todos aqueles que em seu dia-a-dia fazem a nossa história

Falar da necessidade de integração e união entre os países que compõem a América Latina é algo mais que recordar as aspirações daqueles que no século passado romperam os grilhões colonialistas que nos atavam e impediam. É ressaltar também aquilo que a qualquer mente esclarecida deve aparecer com evidência cristalina: mais que uma aspiração, mais que uma possibilidade, essa integração e união tornam-se fator vital para nosso desenvolvimento como nações.

Ao longo da história de nossos países sofremos todos os prejuízos provocados pela falta de uma integração real entre as nações da América Latina. Enquanto a Europa marcava sua trajetória de integração, nestes últimos anos, demos alguns passos importantes no mesmo rumo. Mas é muito o que ainda nos falta. Nações de economias muito mais sólidas e desenvolvidas que as nossas souberam encontrar, no caso do processo de integração europeia, os meios de tornar viável essa aspiração. Souberam inclusive contribuir para que aquelas que estivessem em patamares inferiores de desenvolvimento econômico subissem a níveis compatíveis com o projeto de integração.

Mais árduo, certamente, será o nosso caminho. Mas nem por isso devemos ter a imagem de uma América Latina unida e integrada como uma visão quimérica. Ao contrário: se a Europa, forte e desenvolvida, traçou essa trajetória, com muito mais razões nós, os países latino-americanos, devemos trilhá-la, retomando o desejo e os sonhos dos nossos Libertadores.

O Memorial é parte da nossa contribuição. Sabemos todos nós que um processo de integração econômica entre nações com economias situadas em patamares tão diferentes como os encontrados entre os países que formam a América Latina exigirá muito esforço de nossa imaginação e de nossa vontade política comum. Mas sabemos também que esse é um destino que haverá de ser cumprido. Os obstáculos são ainda e serão por bom tempo imensos, mas alguns passos já foram dados e serviram para mostrar, entre outros aspectos, que apesar de imensos não são obstáculos

Enquanto caminhamos nessa direção, estamos tratando de buscar forças em outras fontes. De encontrar caminhos paralelos que ajudem a acelerar a nossa marcha.

E é neste aspecto que o Memorial ganha significado especial. A cultura, as manifestações da criatividade e do saber de nossos povos, servirá sempre como espaço onde seja possível nos reconhecer. A cultura fala por nós, ressalta nossas características e nossas semelhanças. E, assim, serve para despertar em todos aqueles que visitam o Memorial da América Latina a plena consciência de que, mesmo preservando nossas identidades de nações, somos parte integrante de algo maior, essa Pátria Grande sonhada através dos tempos, essa Nossa América que haveremos de ser.

Eu sonhei com o Memorial da América Latina exatamente com este nome e com estes objetivos. Em março de 1989 o Memorial foi inaugurado. Ao longo destes primeiros tempos, centenas de milhares de pessoas tomaram contato com as mais diversas mostras do saber e da criação dos povos da América Latina. O Memorial rapidamente tornou-se parte da paisagem da cidade e do dia-a-dia das pessoas. Começou, assim, a cumprir sua missão maior: recordar a cada visitante que fazemos parte de um mundo novo, de um gênero humano peculiar, e que devemos nos orgulhar disso ao mesmo tempo em que devemos lutar pela nossa união.

Muitas vezes, o primeiro passo parece o mais difícil, e é depois de dá-lo que percebemos a dimensão da caminhada. Há que se ter então serenidade para contemplar o caminho aberto à nossa frente com a certeza de que será vencido com perseverança e sem precipitações.

A maravilha da viagem está nas revelações que o caminho nos traz a cada dia. Assim funciona hoje o Memorial da América Latina: os primeiros passos foram importantes e proveitosos, e muito mais haveremos de colher e aprender em nossa caminhada.

O objetivo, no fundo, continua sendo um sonho — um sonho coletivo, que vem através dos tempos, e que haverá, mais cedo que tarde, de se concretizar. O dia em que seremos todos filhos de uma só América,

P

Poucos temas me deram tanta alegria ao projetá-los como o Memorial da América Latina.

Primeiro, pelo sentido político que apresentava. Reunir os povos deste continente para juntos discutirem seus problemas, trocando experiências, lutando pelos direitos desta América Latina tão explorada e ofendida. Depois, porque se tratava de um conjunto de prédios que, bem projetados, poderiam criar o que em arquitetura chamamos de *o espetáculo arquitetural*.

Para isso, sua arquitetura deveria ser feita com total liberdade, alheia a todos os preconceitos, a todas as regras, provida da técnica mais apurada, guardando o espaço necessário para a imaginação.

E seus edifícios deveriam manter na fantasia das suas formas criativas essa correspondência, essa unidade que a boa arquitetura exige.

Dentro desses princípios comecei a pensar no projeto e, como ele me atraía enormemente, em poucas horas o elaborei.

E a solução surgiu de uma perspectiva, a perspectiva que desenhei na suíte de um hotel, imaginando o conjunto do Memorial como se no papel, naquele momento, o estivesse construindo. Recordo esse meu desenho e ainda hoje me surpreendo ao ver como ele corresponde à realidade.

A mesma entrada e a mesma escada de acesso. Ao fundo, o Salão de Atos com sua extensa viga de concreto e a abóbada que nela se apóia levemente; à direita, a Biblioteca, a viga de 90 metros e as cascas de concreto que nela completam o edifício. À esquerda, o Restaurante circular e, um pouco adiante, a Passarela que liga um terreno a outro, onde foram localizados o Pavilhão da Criatividade, a Administração e o Auditório.

E fiquei perplexo vendo que fizera aquela perspectiva como se uma premunção de repente me possuísse.

A primeira fase do projeto, a fase de criação, estava concluída e logo iniciamos os desenhos definitivos, e depois seu desenvolvimento.

Poucas vezes vi uma obra realizada com tanto apuro apesar do curto tempo oferecido, e se nela tudo correu bem, se o meu trabalho foi respeitado, devo-o à confiança que o governador Orestes Quéricia me dispensou.

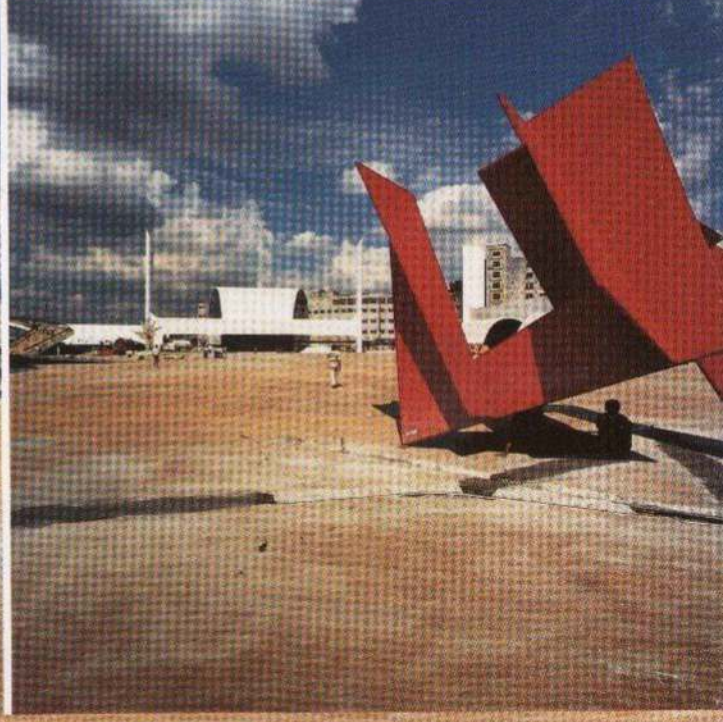
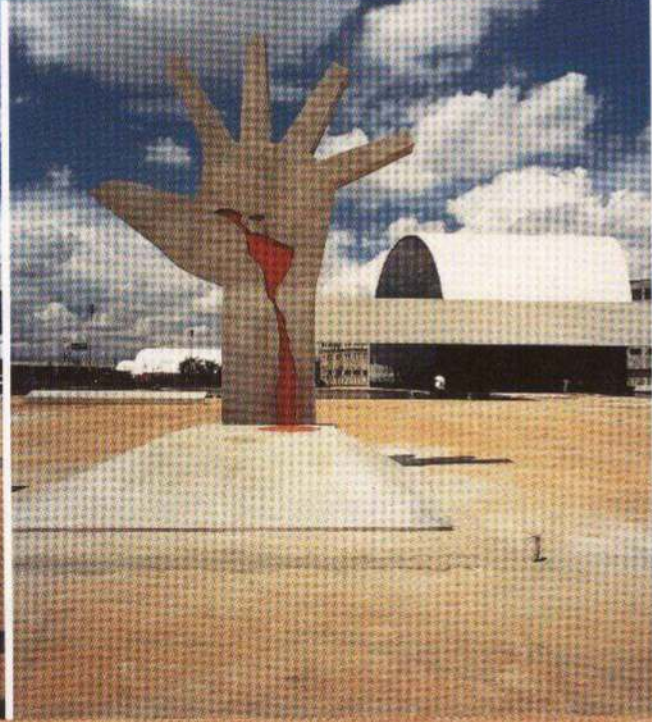
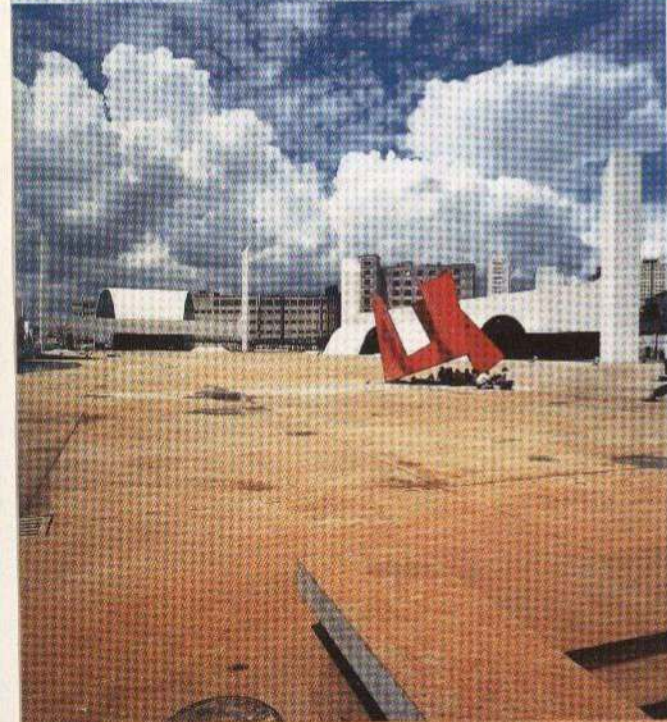
Um dia, concluídas as estruturas, senti que a da Passarela não correspondia à desenvoltura dos outros edifícios. Para manter a coerência estrutural indispensável, pedi ao governador a demolição da sua coluna central. Era uma proposta difícil de ser atendida. A coluna já estava construída e o que eu propunha poderia levantar uma celeuma na imprensa que, naquela época, por razões políticas, tudo procurava criticar. E o governador Quéricia aceitou meu pedido. A coluna foi demolida. O tirante lateral que imaginei foi colocado e a Passarela ficou mais bonita, mais leve, solta no ar, surpreendendo a todos que o Memorial visitam. Conto esse episódio para marcar o contraste com a indiferença invariável com que a maioria recebe os reclamos da arquitetura.

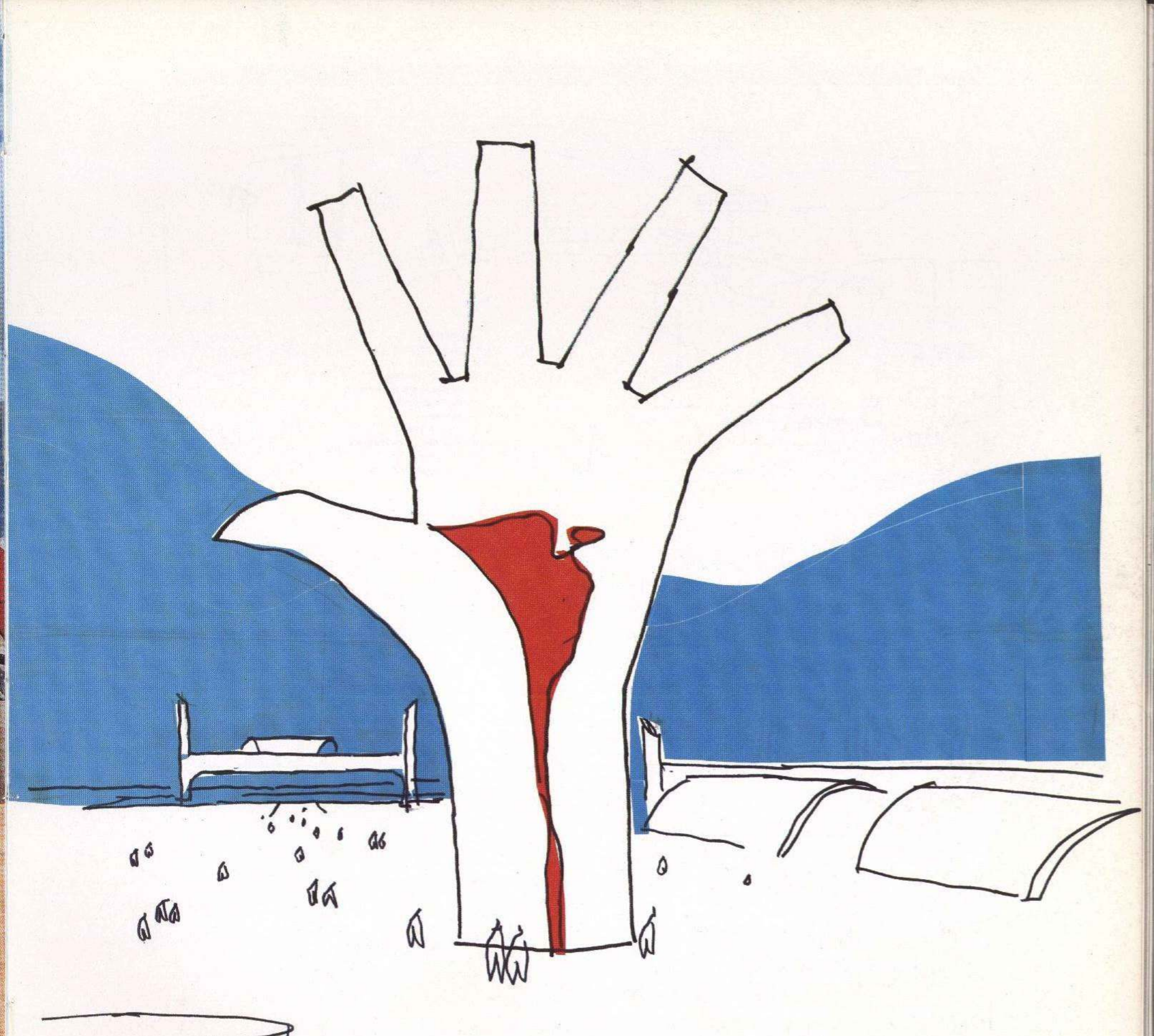
Dizem que uma obra de arquitetura, para atingir um nível superior, deve constituir uma lição para os que se interessam pela arte de projetar e construir.

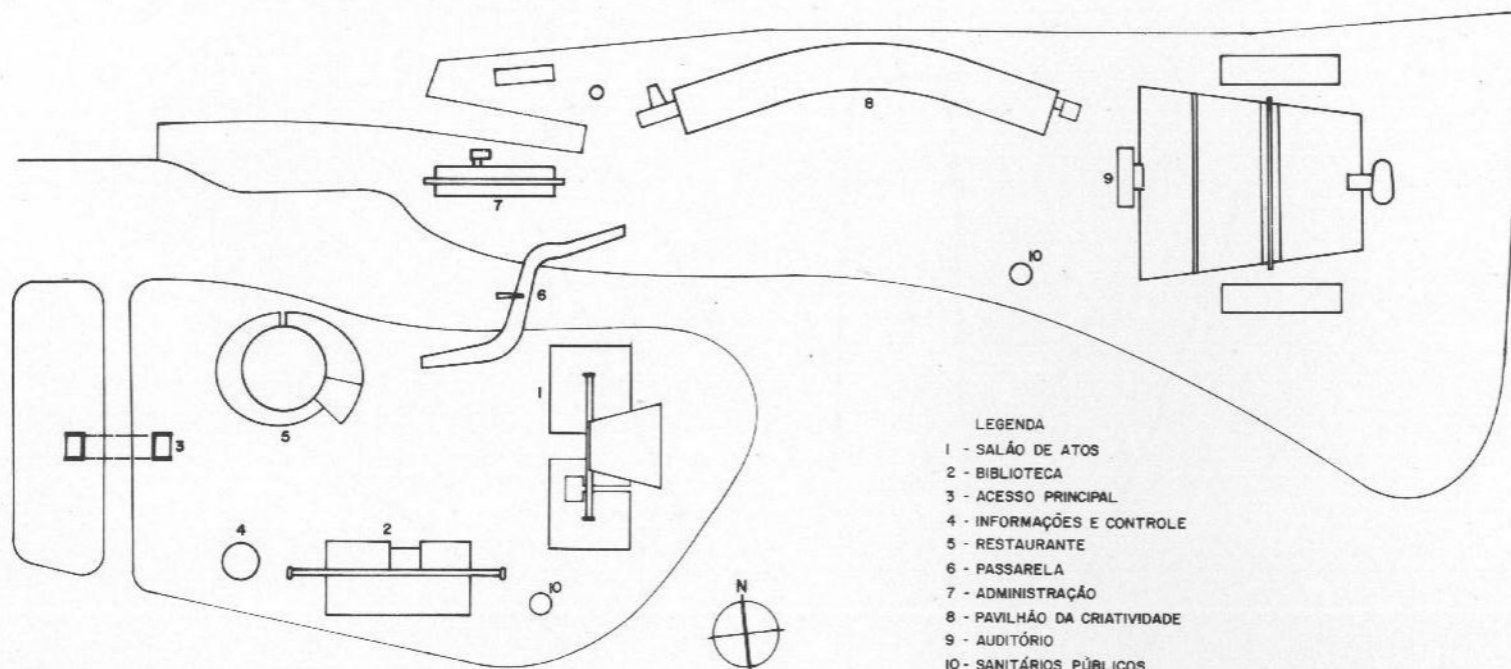
E nesse sentido, acredito, o Memorial da América Latina atende plenamente a esse princípio fundamental. Sua arquitetura é criativa, nada tendo em comum com outras obras já construídas; é contestadora, porque recusa todos os preconceitos; é harmoniosa, porque suas formas, espaços e volumes se correspondem; é lógica, porque atende à finalidade a que se destinava; é uma síntese das Artes Plásticas, porque nela as obras de arte nasceram com o projeto original fixando por antecipação onde se localizariam e como o poderiam enriquecer; é monumental, porque o assunto o exigia e o arquiteto que o projetou acredita na grandeza das coisas, desprezando essa filosofia da pobreza arquitetural que alguns, por mediocridade ou demagogia, pretendem instituir.

Na arquitetura, não são as obras menores que contam, por mais belas que sejam. O que fica são aquelas que mostram sua evolução no tempo: os palácios, os estádios, os museus, as grandes catedrais.

E desenhei uma enorme mão de concreto armado, que lá está, com 7 metros de altura, espalmada, os dedos abertos em desespero, o sangue a correr pelo punho. Negros tempos que o Memorial registra com sua



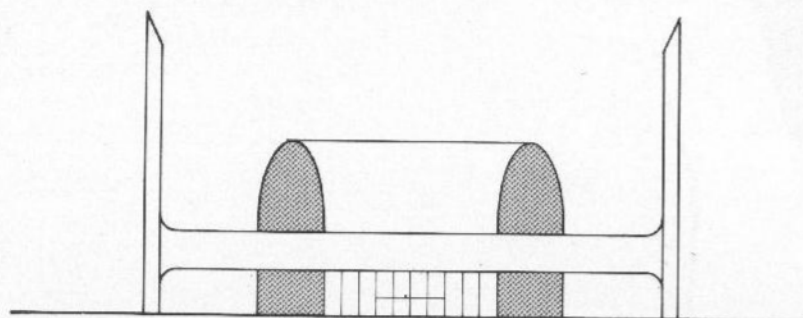




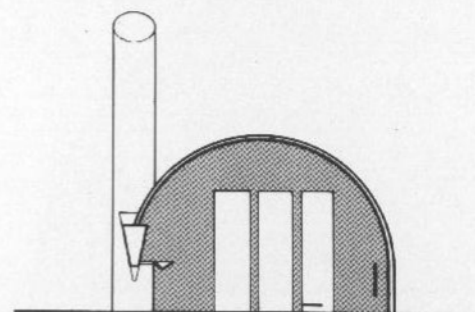
- LEGENDA
- 1 - SALÃO DE ATOS
 - 2 - BIBLIOTECA
 - 3 - ACESSO PRINCIPAL
 - 4 - INFORMAÇÕES E CONTROLE
 - 5 - RESTAURANTE
 - 6 - PASSARELA
 - 7 - ADMINISTRAÇÃO
 - 8 - PAVILHÃO DA CRIATIVIDADE
 - 9 - AUDITÓRIO
 - 10 - SANITÁRIOS PÚBLICOS

SITUAÇÃO

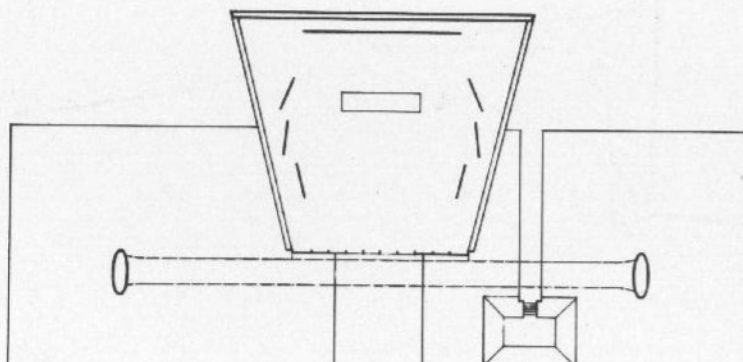
A scale bar for the site plan, showing distances in meters. The scale is marked from 0 to 50 meters, with increments of 10 meters.



FACHADA

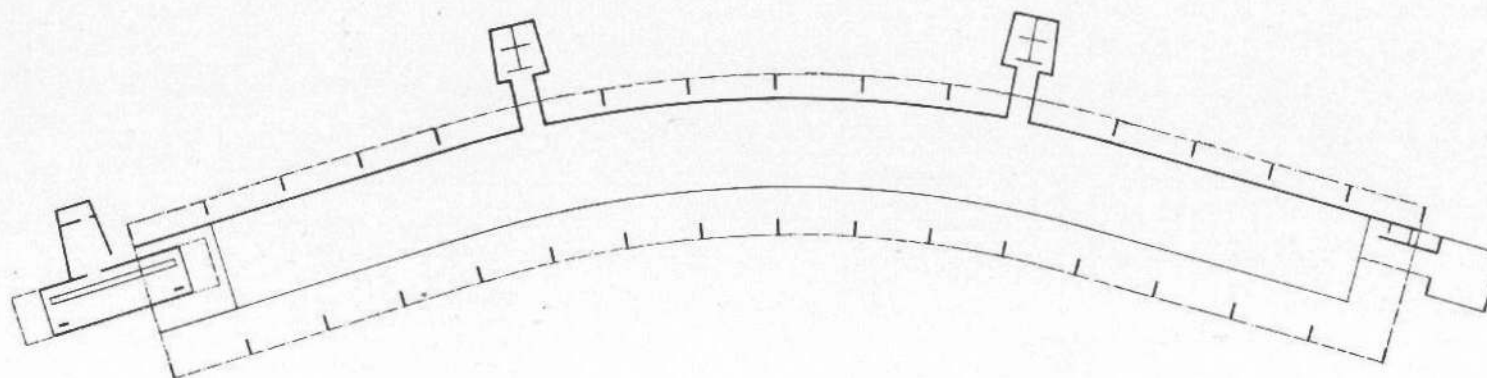


CORTE





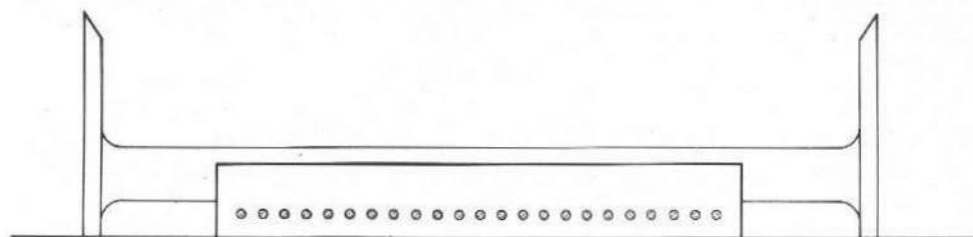
FACHADA



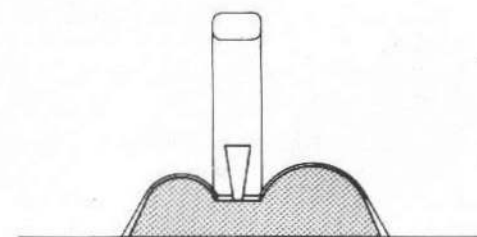
PLANTA BAIXA

0 5 10 m

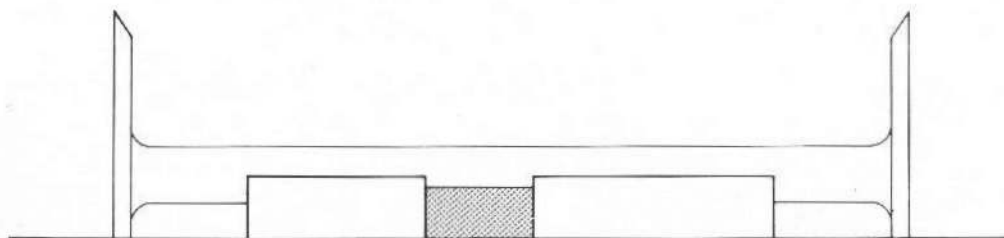
PAVILHÃO DA CRIATIVIDADE



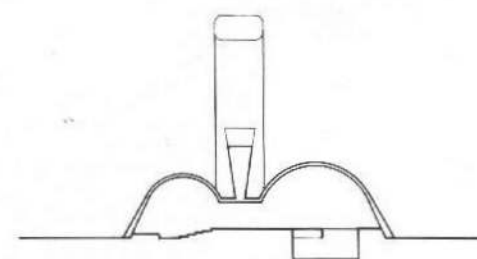
FACHADA



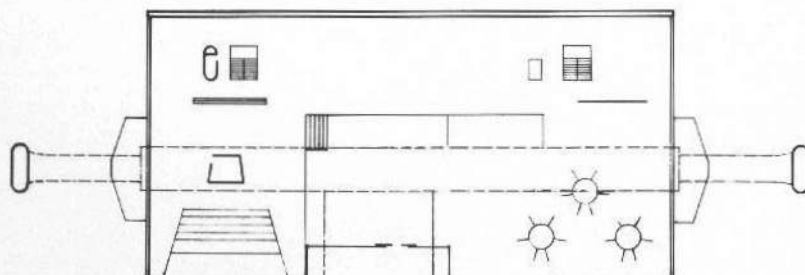
FACHADA

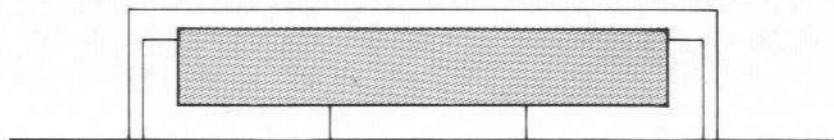


FACHADA

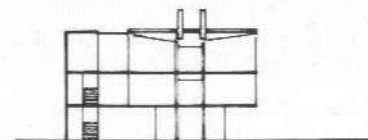


CORTE

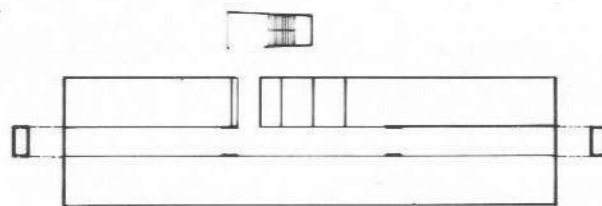




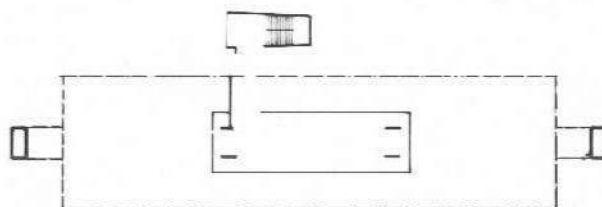
FACHADA



CORTE



PLANTA BAIXA - 1º E 2º PAV.



PLANTA BAIXA - TÉRREO



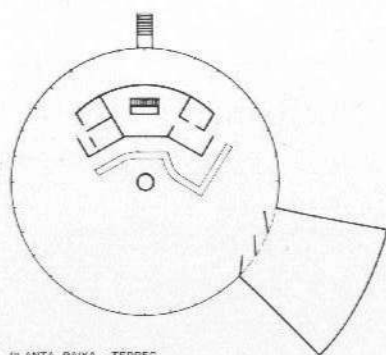
ADMINISTRAÇÃO



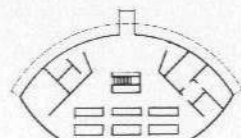
FACHADA



CORTE



PLANTA BAIXA - TERREC



FACHADA

CORTE



PLANTA BAIXA - TERREC

OSCAR NIEMEYER
Arquitetura

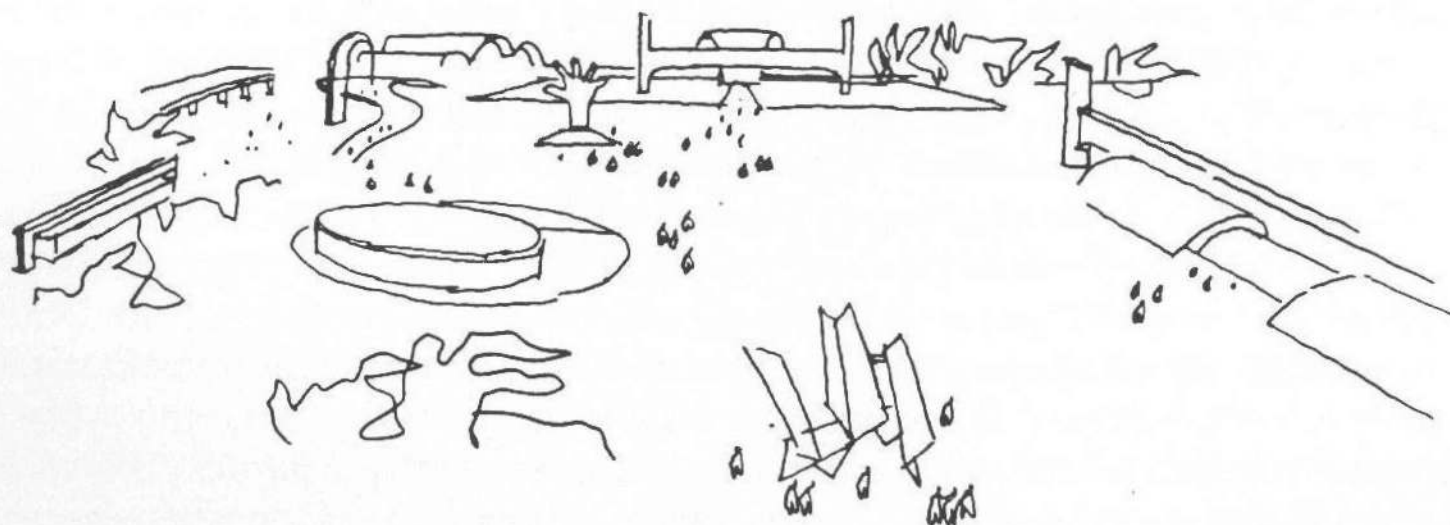
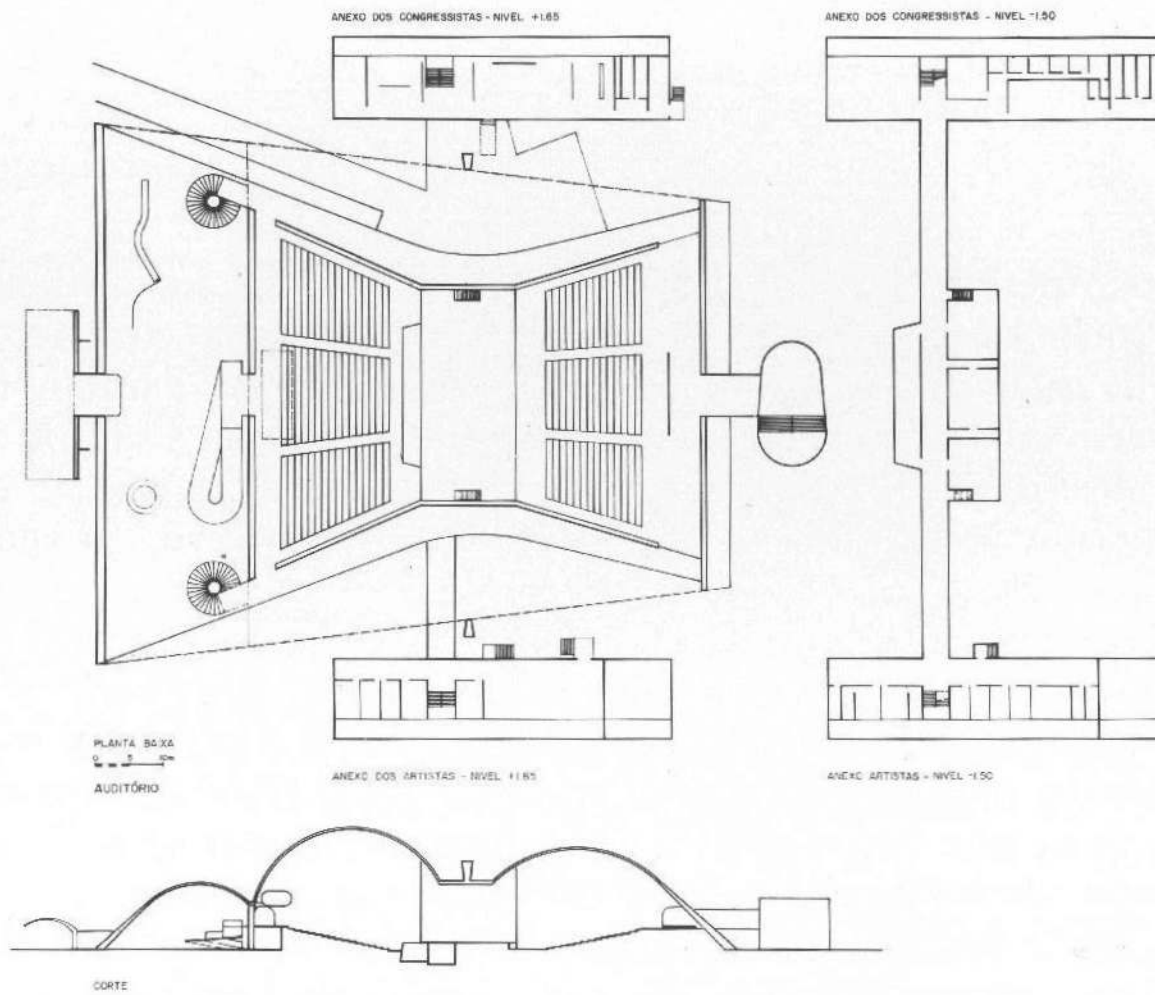
JOSÉ C. SUSSEKIND
Cálculo Estrutural

COMPANHIA METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ
Coordenação Geral

PROMON ENGENHARIA S.A.
Projetos Complementares

CONSTRUTORA MENDES JÚNIOR
Construção

DUCTOR IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS S.A.
Gerência



AMÉRICA LATINA: CHEGOU A HORA DA NOSSA IDENTIDADE

DARCY RIBEIRO

A América Latina é o grande continente em ser. Muitas vezes encontro, pelo mundo afora, quem me pergunta pela América Latina partindo de suas atitudes absolutamente contrapostas. Existem aqueles que nos vêem como um todo, sem distinguir o Brasil da Costa Rica ou o Chile do México, e são incapazes de observar nossas diferenças. E existem aqueles que nos vêem somente sob a óptica da separação, incapazes de observar nossas semelhanças, nossos pontos de identidade.

Também ouço falar, com muita freqüência, que o principal problema da América Latina é a sua falta de integração. Pois bem: em pelo menos dois planos, o lingüístico e o cultural, não há região mais integrada no mundo. Quem anda pela França encontra vários dialetos sobrevivendo, apesar de tudo que Napoleão fez para matá-los; quem anda pela Itália vê como são profundas as diferenças lingüísticas regionais, e como os habitantes de cada região fazem força para mantê-las; o mesmo ocorre na Espanha, onde bascos, catalães, galegos e andaluzes lutam para defender suas culturas regionais, suas diferenças culturais. Enfim, ao redor de Lisboa é possível encontrar mais variantes da língua portuguesa que em todo o Brasil.

Na América Latina existe uma unidade lingüística e a ela corresponde uma unidade cultural. Mesmo frente ao argumento de que falamos espanhol e português, é conveniente recordar que se trata de duas línguas irmãs, capazes de serem mutuamente inteligíveis. Acho até possível que, dentro de cem anos, falemos na América Latina um só idioma, híbrido, uma espécie de *portunhol* ou de *espanhoguês*. Na realidade, essas duas variantes de uma mesma língua oriunda da Península Ibérica se difundiram aqui com uma profundidade e uma extensão que não existem em seus países de origem. Aqui sobrevivem culturas e idiomas próprios, onde havia altas civilizações e onde existem grupos que guardaram memória do passado — México, Guatemala, Planalto Andino, os Guaranis. Mas a quase totalidade da população fala espanhol ou português. Fruto da



CHAKMOOL. *Representação de uma divindade da chuva
Cultura pré-hispânica do centro e sul do México
Museu Nacional de Antropologia do México*

Existe uma homogeneidade cultural que corresponde a esse fenômeno. Existem diferenças entre nós, visíveis, mas são diferenças de somenos. Nossas diferenças principais são ocultas, mais discretas. Uma delas é a que separa os povos da América em três categorias: os oriundos de altas civilizações, que guardam memória de sua grandeza e enfrentam o drama de fundir sua cultura arcaica com as novas culturas. São os *povos testemunho*. Outros, como os que povoaram a Argentina e o Uruguai, são *povos transplantados*. Vieram para tentar reconstituir sua paisagem original em novas latitudes, e encontraram aqui culturas originais fortes, como a dos Guaranis. E finalmente existem os *novos povos*, gente feita pelo desfazimento: na medida em que índios e negros foram desfeitos, fizeram-se novos homens; cada cultura original deu o amálgama desse novo ser latino-americano. As contribuições dessas raças são evidentes.

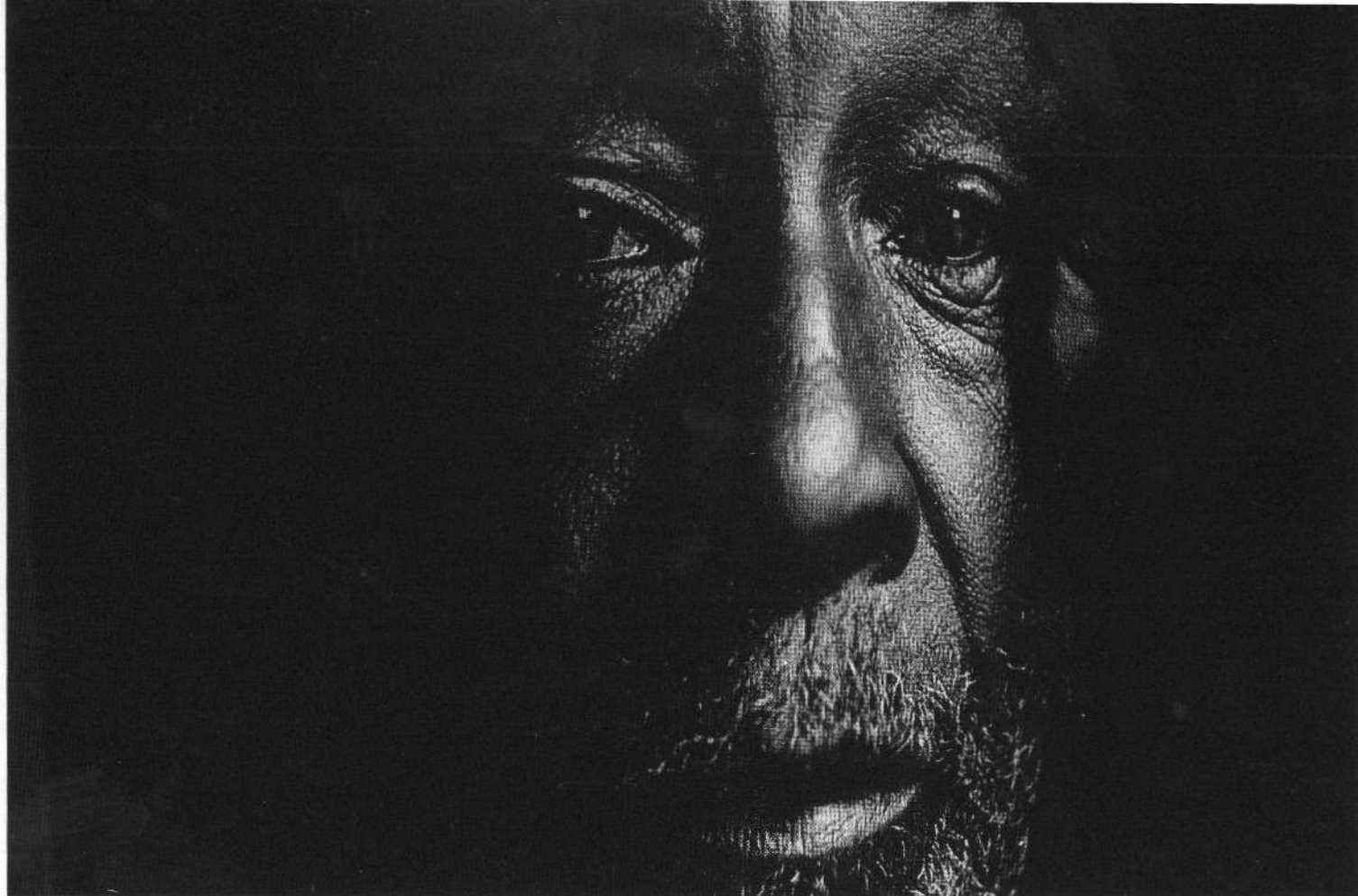
O negro, por exemplo, deu como contribuição maior o que havia no mais recôndito de sua alma: o ritmo, as crenças, a capacidade inventiva. O negro nos fez nacionais. Do índio, herdamos os nomes das coisas e a receita da sobrevivência nos trópicos. Os brancos nos vincularam à tradição européia ocidental, fazendo de nós rebentos da latinidade, uma romanidade



Tudo, em nossa formação, nasce das misturas, do encontro de raças, culturas e tradições. E se há dois mil e quinhentos anos alguns soldados romanos latinizaram a Península Ibérica, criando novos povos, foram justamente esses povos novos que saltaram o oceano para se multiplicar aqui. Essa é a presença latina nos quadros do futuro: nós.

Foram os ibéricos que aqui se multiplicaram prodigiosamente sobre ventres indígenas, ventres negros, ampliando e perpetuando a latinidade. Essa romanidade permanece através de dois procedimentos: a vertente cultural, e a vertente genésica. Essa gente latina gerou uma gente de enorme capacidade de reprodução.

Se os povos indígenas foram desaparecendo, se os negros foram sendo assimilados, nasceu disso tudo essa nossa gente morena, que somos nós. Uma gente que olha contente para a vida, feliz com a província da terra que lhe coube na repartição do mundo e que não quer outra coisa



Mas os povos deste novo mundo ainda não conseguiram se organizar para seu próprio benefício. E é exatamente por isso que somos um *continente em ser*. Não conseguimos organizar nossa vida em nosso espaço para servir à nossa própria felicidade. Sentimos, aqui e ali, essa potencialidade se realizando, mas nunca de maneira global como deveria e poderia ser. Estamos ainda muito longe disso. Continuamos a enfrentar enormes dificuldades para nos realizarmos em conjunto.

Não, os povos deste lado do mundo não se estruturaram para si mesmos. Aqui, é muito baixo o nível de consciência crítica, tanto entre a nossa intelectualidade quanto entre a própria população. Nunca pudemos desenvolver à plenitude o sentimento de nossa identidade comum. Fizemos com que nos voltássemos muito mais para fora, do que para o nosso próprio mundo. O Brasil tem quinze milhões de quilômetros de fronteiras



Os chilenos e peruanos olham para o mar e, em vez de enxergarem do outro lado a China, enxergam a Europa.

Há muito caminho a ser percorrido, na construção dessa consciência. E o pior é que a classe dominante conseguiu impor uma série de valores sobre nosso povo, fazendo com que passemos a atribuir nossa atuação cruamente medíocre a questões de formação cultural, religiosa ou sabe-se lá o quê, e escondendo que a causa de nosso atraso está justamente no comportamento e na ambição mesquinha dessa classe dominante.

Continuamos sendo regidos da mesma forma de sempre: trabalhando para produzir não o que consumimos, mas o que os outros consomem. Isso é diabólico. Revela o imenso êxito das classes dominantes latino-americanas, que continuam impelindo nossos povos a se esforçarem não em busca de seu próprio desenvolvimento, mas para garantir a bonança e a prosperidade de outras regiões do mundo. Já atobetadas da bonança e

O que está por trás dessa impotência da América Latina para se organizar para si mesma? O êxito das classes dominantes. Na América Latina, os ricos nunca foram tão ricos e os pobres nunca foram tantos e tão pobres. A população se miserabiliza cada vez mais. E o projeto dessas classes dominantes terá de ser rapidamente, necessariamente mudado. Essa perversão tem que ser controlada e superada. Esta é a nossa tragédia maior. Não podemos continuar sendo povos controlados por uma classe com mentalidade de gerente.

Não estamos em desenvolvimento: estamos em *subdesenvolvimento*. A distância que nos separa do mundo desenvolvido é cada vez maior.

Uma amostra do que a América Latina pode ser nos veio de pequenos países, que politicamente acabaram sendo mais importantes que todos os grandes do continente: Cuba, Nicarágua e Costa Rica. Cuba provou que é possível que todos comam três vezes por dia todos os dias, que todos tenham escola, que todos tenham atenção médica. Ou seja, é possível fazer isso, é possível viver como países viáveis. E que não se diga que apenas o comunismo é capaz dessa façanha: nos Estados Unidos e no Canadá o capitalismo beneficia a população. Nesse quadro, é importante a existência de um espaço como o Memorial da América Latina. Aqui, São Paulo, a cidade mais rica do continente, se latino-americaniza. Deixa de ser a cidade estrangeirada, eurocentrada, que sempre foi.

Chegou o tempo da consciência crítica da América Latina. Multiplicam-se nas universidades brasileiras os institutos de estudos hispano-americanos, e na América hispânica se multiplicam os centros de estudos brasileiros. Vamos nos aproximando, à medida que se reforça o sonho boliviano, que continua tão atual como sempre. A tese da Nação Latino-americana, de Simón Bolívar, vige e exige espaço.

O Memorial é isso: uma presença física da latino-americanidade, tal como a mineiridade está em Ouro Preto, representando Minas Gerais.

Ele marcará, como obra de arte, nossa geração no tempo — um tempo em que o sonho de uma só América, unida e fraterna, tornou a

A América Latina constitui, ainda, um enigma frente a seus próprios olhos. Qual a imagem que o espelho nos devolve? Uma imagem quebrada. Pedacos. Pedacos desconectados entre si: um corpo mutilado, uma cara por fazer. E fomos treinados para cuspir no espelho.

As culturas dominantes, culturas de classes dominantes dominadas por fora, revelam-se pateticamente incapazes de oferecer raiz e vôo às nações que dizem representar. Apesar de seus enganosos fulgores, expressam a opacidade do poder, ainda hábil para copiar mas cada vez mais inútil para criar. Depois de haver regado nossas terras com falsos *partenons*, falsos palácios de Versalhes, falsos castelos do Loire e falsas catedrais de Chartres, os que mandam estão dilapidando a riqueza nacional na imitação dos modelos norte-americanos de ostentação e desperdício. Amuralhados em grandes portos e babilônicas cidades, eles ignoram e desprezam a realidade nacional, ou tudo aquilo que nela os contradiz; e praticamente se limitam a operar como correias de transmissão dos centros estrangeiros de poder.

A história latino-americana é, há cinco séculos, uma história do contínuo desencontro entre a realidade e as palavras. A verdade do mundo colonial latino-americano não está nas enérgicas e numerosas leis das Índias Ocidentais, e sim no cadafalso e no pelourinho, erguidos no centro de cada Praça da Matriz. Depois, a independência de nossos países não reduziu a distância entre a vida e a ficção jurídica. Ao contrário: multiplicou essa distância, em extensão e profundidade, até chegar ao largo e profundo abismo que em nossos dias se abre entre a realidade oficial e a realidade real. A realidade real serve hoje, tanto ou mais que ontem, à necessidade de exorcismo da realidade real. No final do século 18, os "certificados de brancura" expedidos pelos reis da Espanha e de Portugal convertiam magicamente em brancos os mestiços que pudessem pagar, por mais escura que fosse a sua pele. No final do século 20, a mesma sociedade que corta línguas garante a liberdade de expressão e são as leis



"A NOVA DEMOCRACIA" de Siqueiros (detalhe).

Durante o século passado, a miragem das formalidades jurídicas encontrou seus melhores esplendores nas Constituições que os próceres bordaram com primor, para uso das nações recém-nascidas. Nossas classes dominantes, desde sempre enfermas de *copiandite*, convencidas de que ninguém é melhor que o que melhor copia, reproduziram fielmente os modelos constitucionais metropolitanos, e assim tivemos Constituições burguesas sem termos tido revolução burguesa nem burguesia. A primeira Constituição da Bolívia, que o Libertados Simón Bolívar redigiu pessoalmente para o país que levava seu nome, era uma bela síntese das constituições dos países civilizados da época. Padecia um único defeito: *não tinha nada a ver com a Bolívia*. Atribuía os direitos de cidadania somente aos que soubessem ler e escrever em língua espanhola, e assim deixava de fora quase todos os bolivianos.

Os generais que ganharam a independência, e os mercadores e doutores que lucraram com ela, atuaram como se os novos países pudessem transformar-se na França apenas repetindo idéias francesas, e como se pudessem converter-se na Inglaterra de tanto consumir mercadorias britânicas. Hoje em dia, seus herdeiros atuam como se pudéssemos converter-nos em Estados Unidos à força de tanto imitar seus defeitos.

Fiéis ao ditado da moda que manda usar e desusar as roupas e as idéias, os que mandam mascaram a realidade com máscaras importadas. Importação, imitação: a Bolívia não tem mar, mas tem almirantes disfarçados de Lorde Nelson; Lima não tem chuva, mas tem tetos de duas águas. A primeira universidade do Brasil não nasceu para servir a nenhum projeto nacional de educação, mas para outorgar o título de Doutor Honoris Causa, em 1922, ao rei da Bélgica. Em Manágua, uma das cidades mais quentes do mundo, condenada à fervura perpétua, existem mansões que ostentam soberbas lareiras, e nas festas de Somoza as damas da sociedade exibiam estolas de raposa prateada. Papai Noel chega ao Rio da Prata em pleno verão, mas vem de trenó, e os uruguaio e argentinos

pinheiro branqueado de neve de algodão, bebendo sidra e fartando-se de torrões, pinhões, avelãs, nozes, amêndoas, passas e um banquete repleto de calorias muito apropriadas para os rigores do inverno europeu.

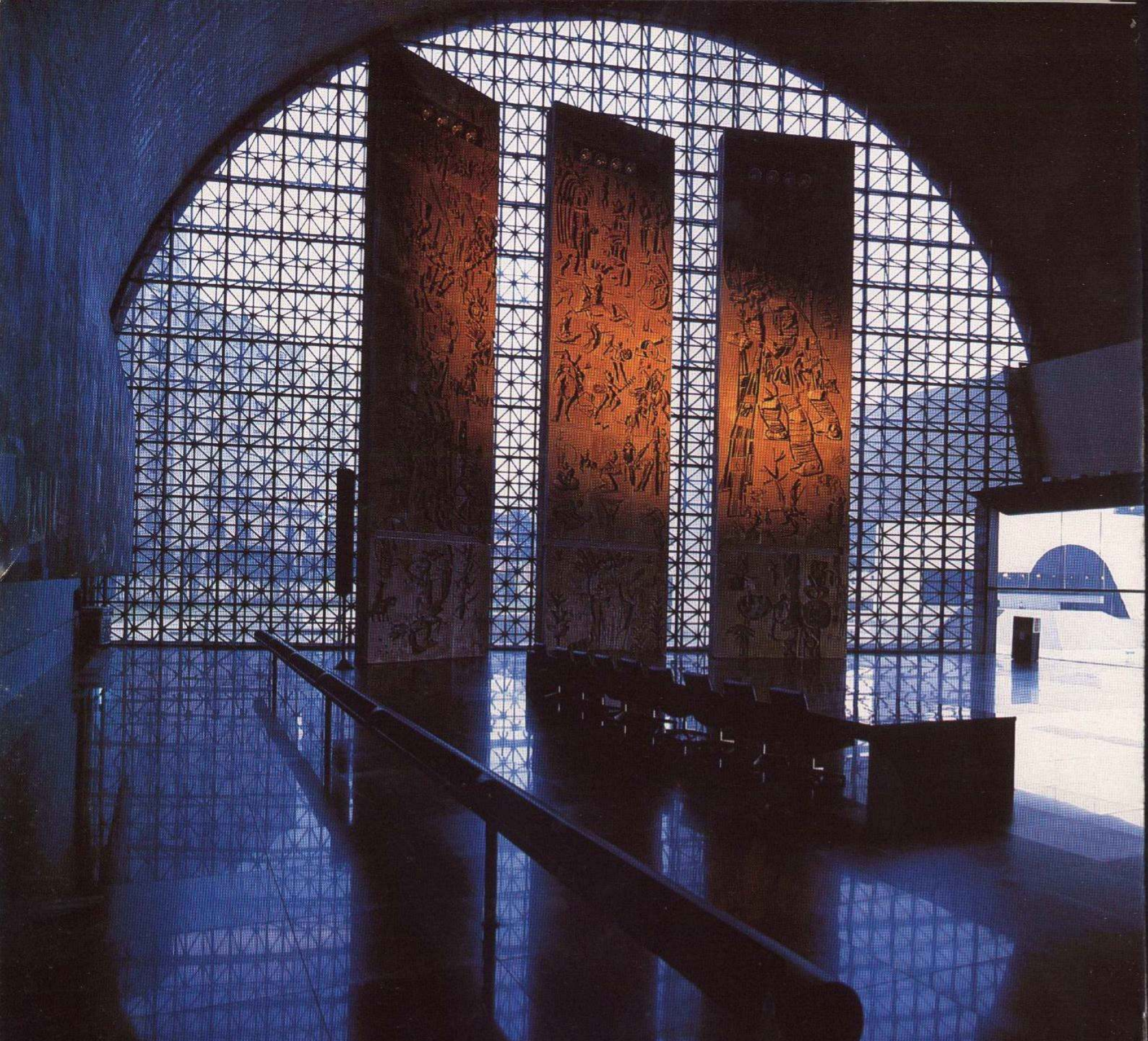
A linguagem oficial delira, e seu delírio é a normalidade do sistema. “Não haverá desvalorização”, dizem os ministros da Economia nas vésperas do desmoronamento da moeda. “A reforma agrária é nosso principal objetivo”, dizem os ministros da Agricultura enquanto estendem o latifúndio. “Não existe censura”, celebram os ministros da Cultura em países onde os livros acabam sendo proibidos pelo preço ou pelo analfabetismo da maioria do povo.

Somos treinados para não ver. A educação deseduca, os meios de comunicação incomunicam. E a educação e os meios nos induzem a aceitar gato por lebre.

Até o mapa mente. Aprendemos a geografia do mundo num mapa que não mostra o mundo do jeito que ele é, mas do jeito que seus donos mandam que seja. No planisférico tradicional, que é usado nas escolas e em todas as partes, o Equador não está no centro: o norte ocupa dois terços, e o sul um. A Escandinávia parece maior que a Índia, quando na verdade é três vezes menor; a União Soviética parece o dobro da África, quando na realidade é muito menor. A América Latina ocupa no mapa-mundi menos espaço que a Europa e muito menos que a soma dos Estados Unidos com o Canadá. Na verdade, a América Latina tem o dobro de tamanho que a Europa, e é bastante maior que os Estados Unidos e o Canadá somados.

O mapa, que nos diminui, simboliza todo o resto. Geografia roubada, economia saqueada, história falsificada, usurpação cotidiana da realidade: a América Latina ocupa menos espaço, come menos, recorda menos, vive menos, diz menos.

Ou talvez diga mais, mas seus donos, os de dentro e os de fora, estão dedicados a proibir ou mentir a palavra dita pela América Latina



A América Latina ainda se deve, ainda deve a seus povos a hora da integração, da unidade. Ainda não conseguimos transformar nossos caminhos. Continuamos à espera do momento anunciado pelo presidente Salvador Allende em seu dramático e derradeiro discurso: “Se abrirán las grandes alamedas...”.

Queremos hoje o que quiseram no século passado os Libertadores da América: defender nosso direito comum de buscar caminhos próprios para atingirmos o desenvolvimento e o crescimento que permitam a nossos povos o bem-estar e a justiça que sabemos possível. Hoje, como sempre, a América Latina quer que sejam respeitadas as características individuais de seus países, mas que ao mesmo tempo sejam encontrados os mecanismos capazes de promover a integração e a unidade de nossas nações.

Qualquer passo dado nessa direção se faz urgente, e servirá para somar as forças necessárias para acelerar de vez essa longa caminhada.

Para nós, brasileiros, essa caminhada pede dupla urgência: precisamos, antes de mais nada, superar as distâncias que nos foram impostas em relação a nossos vizinhos. Por isso, ganha especial significado o fato de ter sido erguido exatamente em São Paulo o Memorial da América Latina. São Paulo, como nenhuma outra cidade brasileira, tornou-se espaço comum para pessoas vindas de todos os lados do Brasil. E em sua própria formação de metrópole contribuíram de maneira decisiva filhos de outras pátrias, vindos dos quatro cantos do mundo para fundarem aqui, em solo paulistano, solo brasileiro, uma nova vida.

Erguido nessa cidade feita de muitos povos e muitas nações, o Memorial tem como objetivo primordial ser um espaço comum a todos, onde todos nos encontremos e nos reconhecamos, e onde nossas esperanças, experiências e identidades encontrem abrigo e ajudem a iluminar o caminho que haverá de ser nosso: o caminho da solidariedade, da união.

Na luta pela necessária integração da América Latina, a cultura é arma eficaz e as atividades culturais constituem excelente campo de bata-

do cinema os povos manifestam suas aspirações mais profundas e suas esperanças mais sonhadoras, recriam sua linguagem e reforçam suas identidades. É nas artes e em todas as suas expressões que os povos sonham um mundo melhor e provam que ele é possível. Nas manifestações de sua sensibilidade criadora, os povos se aproximam, rompem barreiras, superam distâncias.

O Memorial da América Latina se presta a este objetivo: favorecer, através da convergência cultural, a união de todos os povos do Continente. Contribuir para acelerar a necessária integração da América Latina: este é o dever de todos os trabalhadores da Cultura em nossas terras. E essa contribuição pode — e deve — se dar na medida em que, através das infinitas manifestações culturais de nossos povos, possamos reviver nossas identidades comuns, nossos sonhos compartilhados, nossas muitas esperanças. E mais: a América Latina é um mundo complexo, rico em contradições que mais nos identificam e unem que separam. As manifestações culturais de nossos países servem também para nos ajudar a esclarecer essa realidade comum a todos nós.

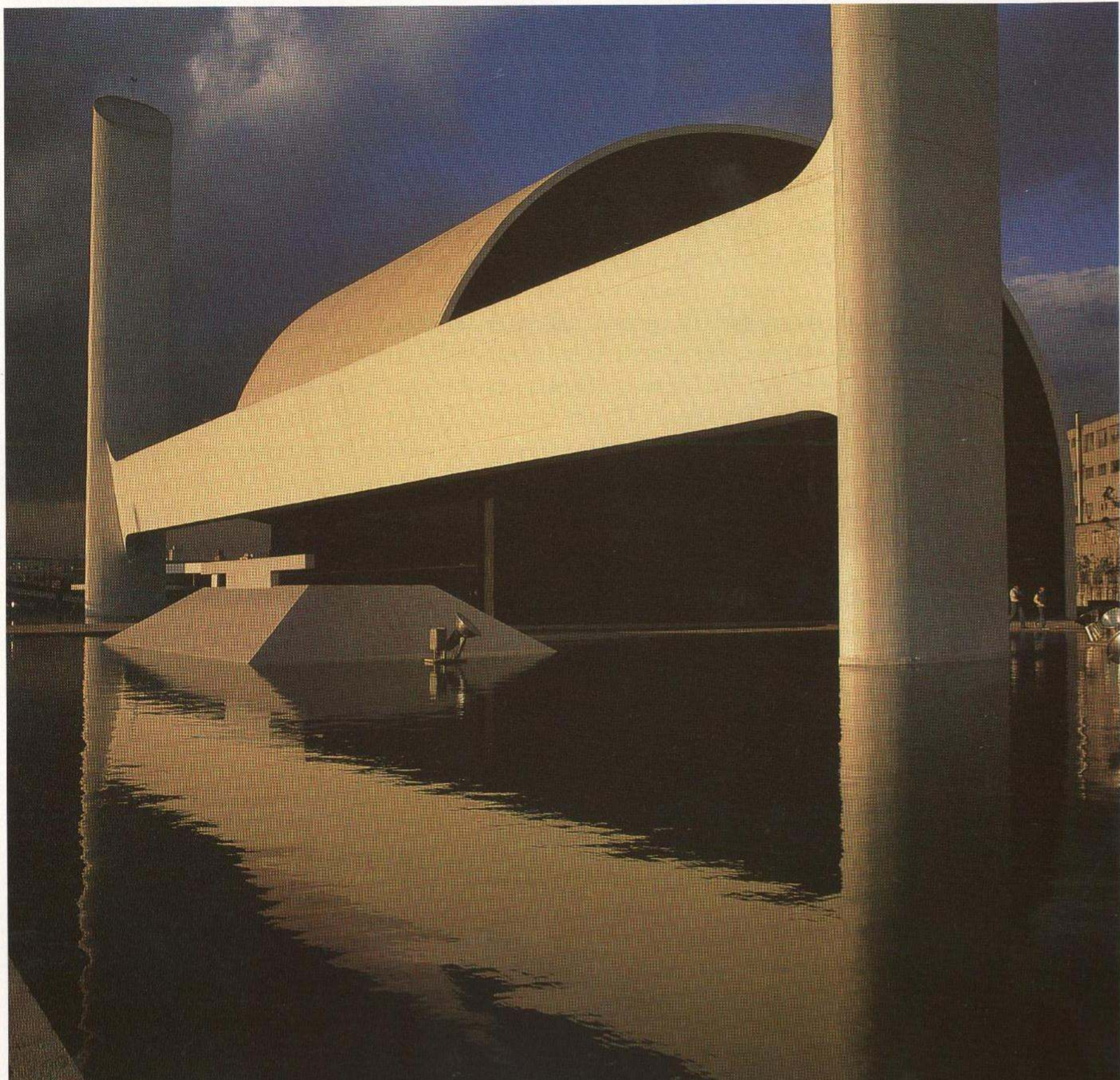
Se ao longo dos tempos fomos vítimas das maquinações perversas de um sistema interessado em nos desunir para poder continuar usufruindo os benefícios dessa separação, as manifestações culturais de nossos povos serviram sempre para despertar em cada um de nós um sentido de identidade comum. Ninguém, em nenhum momento da nossa história contemporânea, derrubou mais muros e construiu mais pontes que nossos poetas, nossos músicos, nossos escritores, nossos pintores. Os magos inventores de um mundo preñado de imaginação e possibilidades nos revelaram que somos possíveis. E esses peculiares engenheiros — os artistas, os criadores de nossos tempos nessas nossas terras — nos revelaram o que existe no mais profundo da alma latino-americana. Gabriel García Márquez e Guimarães Rosa, Pablo Neruda e Nicolás Guillén, Cândido Portinari e Diego Rivera, Villa-Lobos e Alberto Ginastera, Glauber Rocha

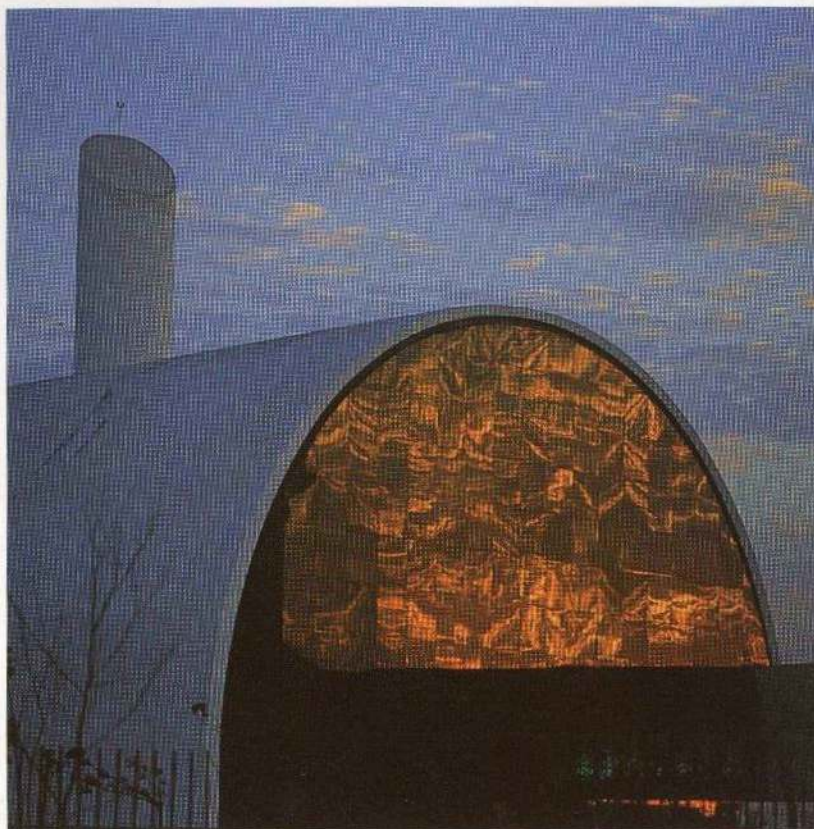
Filhos de uma realidade vigorosa, cheia de maravilhas e delírios, os latino-americanos sempre souberam perpetuar o presente, resgatar o passado e se lançar ao sonho do futuro através das manifestações artísticas de seus povos. Na América Latina, a cultura sempre foi, mais que qualquer outro, um território livre, onde seus povos se encontraram, se reconheceram e se uniram. Nada revelou mais do Brasil ao mundo e aos seus vizinhos que as obras de nossos artistas. Na obra que nos foi legada pelos maias encontramos as raízes das civilizações que conformaram a história da Guatemala e do México. Como entender a alma dos moradores do Rio da Prata sem o tango? Qual a força que conseguiria sufocar o vigor da música voadora dos caribenhos? Quem tentaria entender a alma mexicana sem mergulhar nas palavras de Juan Rulfo?

Sim, a cultura é o território da América Latina, é nossa arma de maior rapidez no combate ao isolamento e à separação, é o gatilho que fará disparar nossas consciências.

Há trinta e um anos, um pequeno país enfrentava os primeiros fantasmas do acosso e do isolamento e tentava os primeiros passos da difícil caminhada em busca de uma nova vida. E uma de suas primeiras medidas foi criar um centro cultural dedicado a todo o continente. Surgia assim a Casa de las Américas, em Havana, Cuba. Há um ano, em outra situação e em circunstâncias diferentes, surgia em São Paulo o Memorial da América Latina, com o mesmo objetivo: servir de ponto de encontro e união para nossos povos. Através das obras aqui reunidas e dos estudos que a partir daqui serão desenvolvidos, poderemos observar melhor nosso passado. E assim entender melhor nosso presente, para podermos enfim nos lançarmos na direção certa do nosso futuro.

Nos sonhos e nas visões de nossos artistas, dos mais consagrados aos mais anônimos, vive a alma da América Latina. Conhecê-la, entendê-la, mergulhar em suas esperanças são passos necessários para a nossa integração. E esses passos só podem ser dados sobre o mais fértil de todos os terrenos:



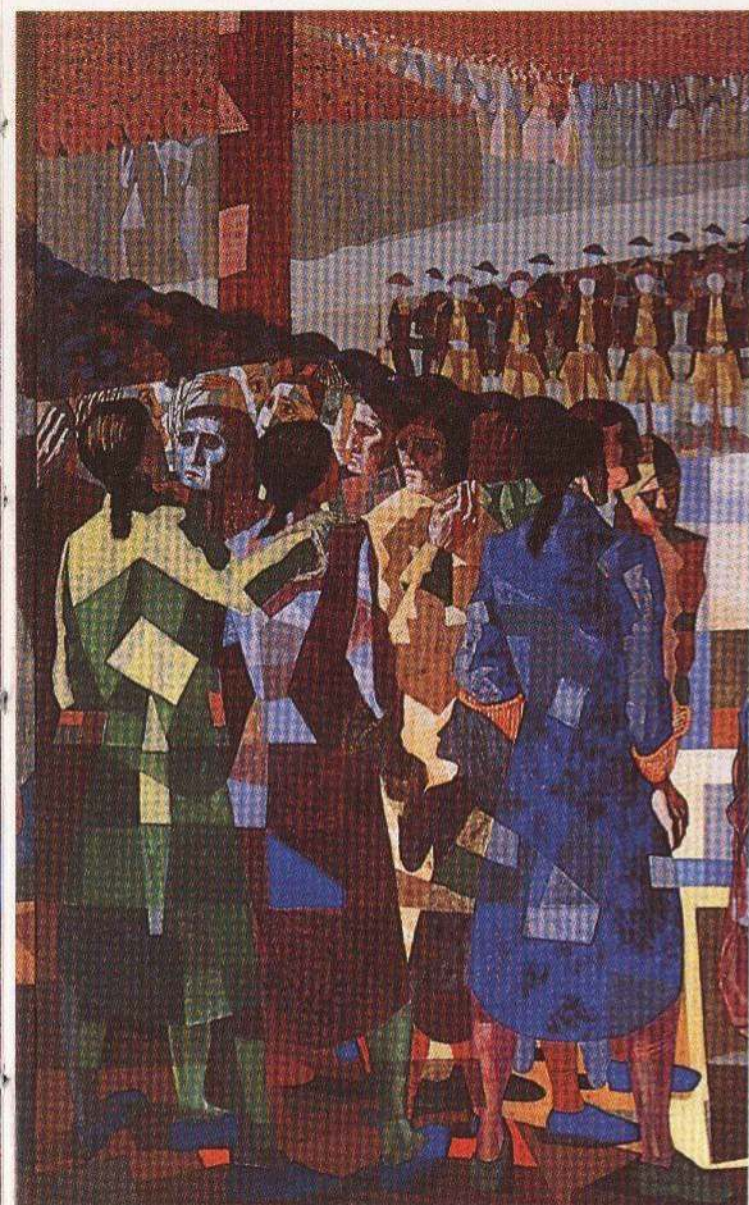


“Este salão de Atos é o coração do Memorial da América Latina. De fato, é ele que justifica a designação de *Memorial*. Aqui, no espaço catedrático criado pelo gênio de Oscar Niemeyer, nós, latino-americanos, homenageamos nossos antepassados e expressamos o orgulho de sermos o que somos: uma gente nova neste mundo. Um novo gênero humano, como disse Simón Bolívar, feito com gentes vindas de toda a Terra, para aqui criar, pelo convívio, pela mestiçagem e pelo trabalho, uma síntese nova — se possível melhor — da humanidade.

Nossa formação histórica se reconstitui aqui, através da linguagem plástica de três artistas. O *Painel Tiradentes*, de Cândido Portinari, é talvez a maior e mais expressiva de nossas obras pictóricas. E os seis *Painéis Heráldicos*, em baixo relevo sobre placas de concreto, devidos a Poty e a Carybé, e que pelo contraste de técnicas e de estilos dialogam com a obra de Portinari”.







...“Assim tão morto e acabado, para jamais ser lembrado, Tiradentes não se acabou. Permaneceu e permanecerá para sempre vivo e lembrado no coração e na mente dos brasileiros, como um clamor pela liberdade.”

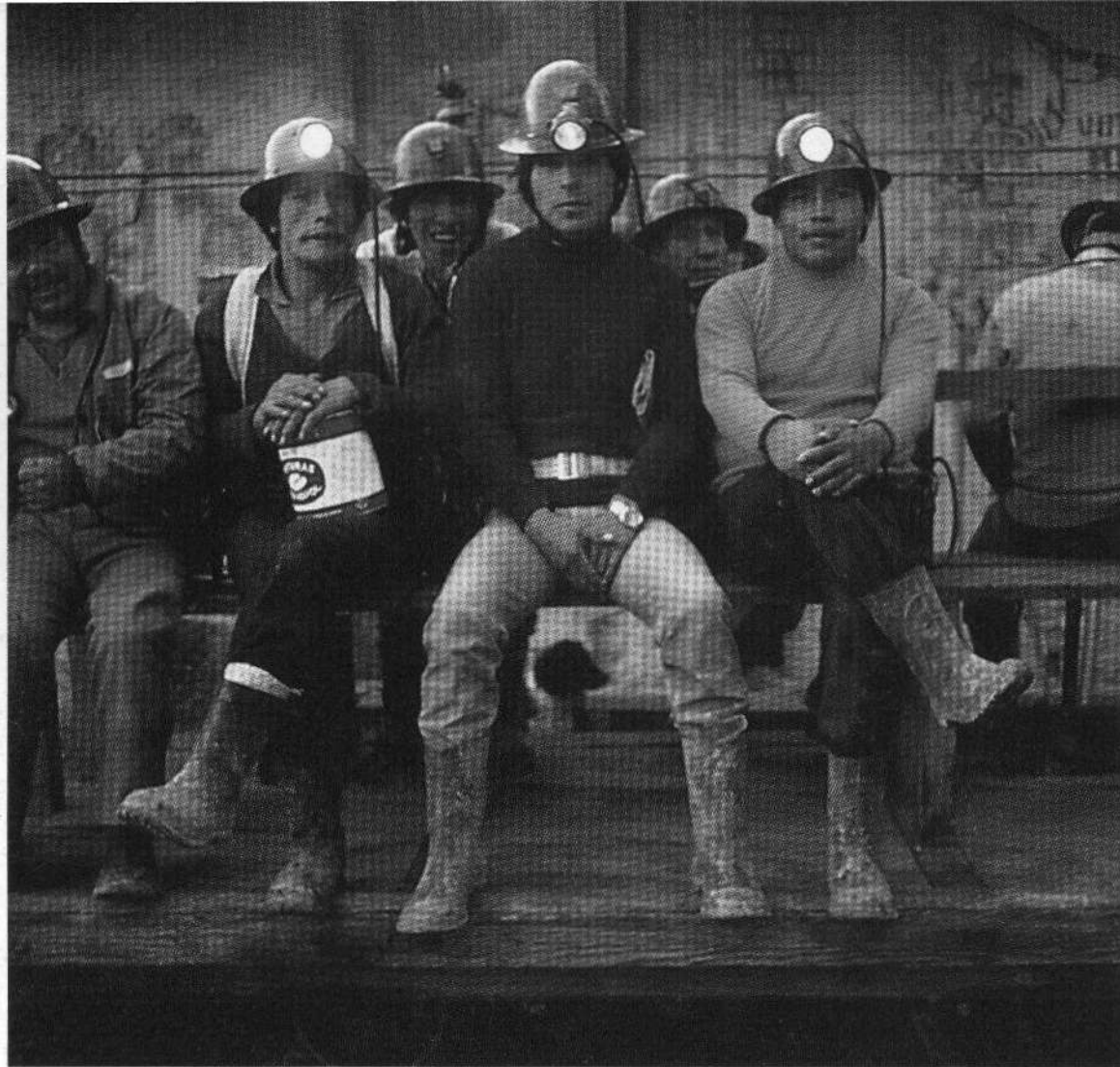


CÂNDIDO PORTINARI - "Tiradentes" Painel, óleo sobre tela, 18,00 × 3,00 m 1948-1949

“Agora, abra bem os olhos e prepare o coração, você que visita o Memorial da América Latina. Vamos ver a reconstituição pictórica que Portinari nos dá da história do herói-martir dos brasileiros: Tiradentes.”



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>



A SOLIDÃO DA AMÉRICA LATINA

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

*A*ntonio Pigafetta, um navegante florentino que acompanhou Magalhães na primeira viagem ao redor do mundo, escreveu ao passar pela nossa América meridional uma crônica rigorosa que, no entanto parece uma aventura da imaginação. Contou que tinha visto porcos com o umbigo no lombo, e uns pássaros sem patas cujas fêmeas chocavam nas costas do macho, e outros como alcatrazes sem língua cujos bicos pareciam uma colher. Contou que tinha visto um engendro animal com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de veado e relincho de cavalo. Contou que puseram um espelho na frente do primeiro nativo que encontraram na Patagônia, e que aquele gigante ensandecido perdeu

Este livro breve e fascinante, no qual já se vislumbram os germes de nossos romances de hoje, não é nem de longe o depoimento mais assombroso da nossa realidade daqueles tempos. Os Cronistas das Índias nos legaram outros incontáveis. O Eldorado, nosso país ilusório tão cobiçado, apareceu em numerosos mapas durante longos anos, mudando de lugar e de forma de acordo com a fantasia dos cartógrafos. Na busca da fonte da Eterna Juventude, o mítico Álvaro Núñez Cabeza de Vaca explorou durante oito anos o norte do México, numa expedição lunática cujos membros devoraram uns aos outros, e só chegaram cinco dos seiscentos que a empreenderam. Um dos tantos mistérios que nunca foram decifrados é o das onze mil mulas, carregadas com 100 libras de ouro cada uma, que um dia saíram de Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e nunca chegaram ao seu destino. Mais tarde, durante a colônia, eram vendidas em Cartagena das Índias umas galinhas criadas em terras de aluvião, em cujas moelas eram encontradas pedrinhas de ouro. Este delírio áureo de nossos fundadores nos perseguiu até pouco tempo. No século passado a missão alemã encarregada de estudar a construção de uma estrada de ferro interoceânica no istmo do Panamá concluiu que o projeto era viável com a condição de que os trilhos não fossem feitos de ferro, que era material escasso na região, e sim de ouro.

A independência do domínio espanhol não nos põe a salvo da demência. O general Antonio López de Santa Anna, que foi três vezes ditador do México, fez enterrar com funerais magníficos a perna direita que tinha perdido na chamada Guerra dos Bolos. O general García Morena governou o Equador durante dezesseis anos como um monarca absoluto, e seu cadáver foi velado com o uniforme de gala e a couraça de condecorações, sentado na poltrona presidencial. O general Maximiliano Hernández Martínez, o déspota teósofo de El Salvador que fez exterminar numa matança bárbara trinta mil camponeses, tinha inventado um pêndulo

epidemia de escarlatina. O monumento ao general Francisco Morazán, erguido na praça principal de Tegucigalpa, é na realidade uma estátua do marechal Ney comprada em Paris num depósito de esculturas usadas.

Há onze anos, um dos poetas insígnies de nosso tempo, o chileno Pablo Neruda, iluminou este lugar com sua palavra. Nas boas consciências da Europa, e às vezes também nas más, irromperam desde então com mais ímpeto que nunca as notícias fantasmagóricas da América Latina, essa pátria imensa de homens alucinados e mulheres históricas, cuja teimosia sem fim se confunde com a lenda. Não tivemos um instante de sossego. Um presidente prometéico entrincheirado em seu palácio em chamas morreu lutando sozinho contra um exército inteiro, e dois desastres aéreos suspeitos e nunca esclarecidos ceifaram a vida de outro de coração generoso, e a de um militar democrata que tinha restaurado a dignidade de seu povo. Nesse lapso ocorreram cinco guerras e dezessete golpes de Estado, e surgiu um ditador luciferino que em nome de Deus leva a cabo o primeiro etnocídio da América Latina em nosso tempo. Enquanto isso, vinte milhões de crianças latino-americanas morriam antes de fazer dois anos, e isso é mais do que as que nasceram na Europa ocidental desde 1970. Os desaparecidos por motivos da repressão chegam a quase cento e vinte mil, que é como se hoje não se soubesse onde estão todos os habitantes da cidade de Uppsala. Numerosas mulheres presas grávidas deram à luz em cárceres argentinos, mas ainda se ignora o paradeiro e a identidade de seus filhos, que foram dados em adoção clandestina ou internados em orfanatos pelas autoridades militares. Por não querer que as coisas continuassem assim morreram cerca de duzentos mil homens e mulheres em todo o Continente, e mais de cem mil pereceram em três pequenos e voluntariosos países da América Central: Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se isso fosse nos Estados Unidos, a cifra proporcional seria de um milhão e seiscentas mil mortes violentas em quatro anos. Do Chile, país de tradições hospitaleiras, fugiu um milhão de pessoas; dez por cento



meio de habitantes, que era considerado o país mais civilizado do Continente, perdeu no desterro um de cada cinco cidadãos. A guerra civil em El Salvador causou desde 1979 quase que um refugiado a cada vinte minutos. O país que poderia ser feito com todos os exilados da América Latina teria uma população mais numerosa que a da Noruega.

Me atrevo a pensar que é esta realidade descomunal, e não apenas sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca de Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita e de beleza, do qual este colombiano errante e nostálgico não é mais que uma cifra a

guerreiros e malabaristas, todas as criaturas daquela realidade desaforada tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o desafio maior para nós foi a insuficiência de recursos convencionais para fazer com que nossa vida fosse acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão.

Pois se estas dificuldades nos entorpecem, a nós que somos de sua essência, não é difícil entender que os talentos racionalistas deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em medir-nos com a mesma vara com que medem a si mesmos, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade com esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. Talvez a Europa venerável fosse mais compreensível se tratasse de ver-nos em seu próprio passado. Se recordasse que Londres precisou de trezentos anos para construir sua primeira muralha e outros trezentos para ter um bispo, que Roma debateu-se nas trevas da incerteza durante vinte séculos antes que um rei etrusco a implantasse na história, e que no século XVI os pacíficos suíços de hoje, que nos deleitam com seus queijos mansos e seus relógios impávidos, ensanguentaram a Europa como mercenários. Ainda no apogeu do Renascimento, doze mil mercenários a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma, e passaram à faca oito mil de seus habitantes.

Não pretendo encarnar as ilusões de Tonio Kröger, cujos sonhos de união entre um norte casto e um sul apaixonado Thomas Mann exaltava há cinquenta e três anos neste lugar. Mas creio que os europeus de espírito clarificador, os que lutam também aqui por uma pátria grande mais humana e mais justa, poderiam ajudar-nos melhor se revisassem a fundo sua maneira de nos ver. A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos solitários, enquanto não se concretizar com atos de apoio legítimo aos novos que assumem a ilusão de ter uma vida própria na



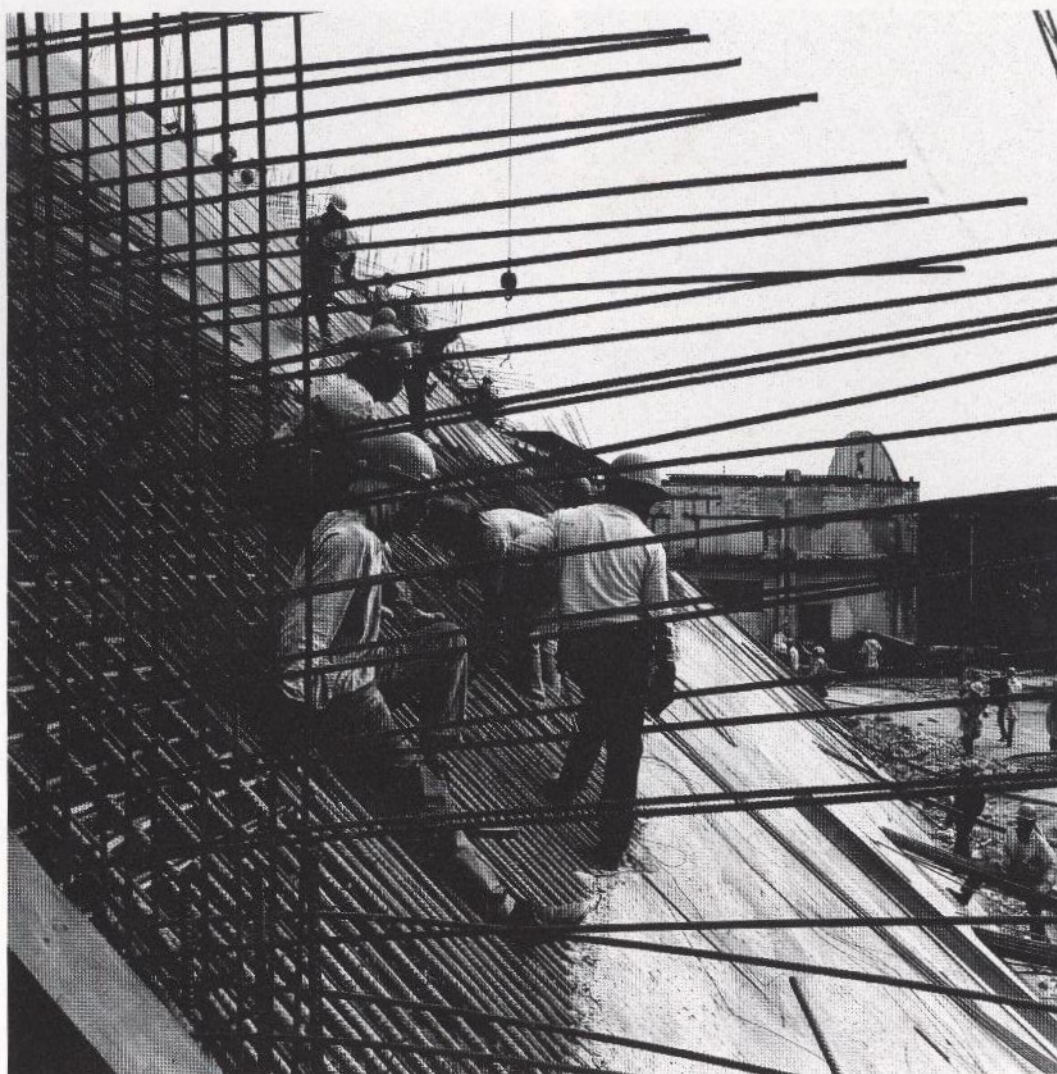
A América Latina não quer ser nem tem por que ser um pau mandado, e não há nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam numa aspiração ocidental. Não obstante, os progressos da navegação, que reduziram tantas distâncias entre a nossa América e a Europa, parecem ter aumentado nossa distância cultural. Por que a originalidade que nos é admitida sem reservas na literatura nos é negada com todo tipo de suspicácias em nossas tentativas tão difíceis de mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus de vanguarda tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano com métodos diferentes em condições diferentes? Não: a violência e a dor desmesuradas de nossa história são o resultado de injustiças seculares e amarguras sem conta, e não de uma confabulação tramada a 3 mil léguas da nossa casa. Mas muitos dirigentes e pensadores europeus acreditaram nisso, com o infantilismo dos avós que esqueceram as loucuras frutuosas de sua juventude, como se não fosse possível outro destino além de viver à mercê dos dois grandes donos do mundo. Este é

E, no entanto, frente à opressão, ao saque e ao abandono, a nossa resposta é a vida. Nem os dilúvios nem as pestes, nem as penúrias nem os cataclismas, nem mesmo as guerras eternas através dos séculos e séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte. Uma vantagem que aumenta e se acelera: a cada ano ocorrem setenta e quatro milhões de nascimentos a mais que de mortes, uma quantidade de vivos novos suficiente para aumentar sete vezes por ano a população de Nova York. A maioria deles nasce nos países com menos recursos, e entre estes, é claro, os da América Latina. Ao mesmo tempo, os países mais prósperos conseguiram acumular poder de destruição suficiente para aniquilar cem vezes não apenas todos os seres humanos que existiram até hoje, mas também a totalidade dos seres vivos que passaram por este planeta de infortúnios.

Em um dia como o de hoje, meu mestre William Faulkner disse neste local: “Me nego a admitir o fim do homem”. Não me sentiria digno de ocupar este lugar que foi seu se não tivesse a plena consciência de que pela primeira vez desde as origens da humanidade, o desastre colossal que ele se negava a admitir há trinta e dois anos é agora nada mais que uma simples possibilidade científica. Frente a esta realidade assustadora que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos com o direito de crer que ainda não é demasiado tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir pelos outros até mesmo a forma de morrer, onde o amor seja de verdade seguro e a felicidade possível, e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham enfim e para sempre uma



Apoie o iPatrimônio: <http://www.ipatrimonio.org/apoie>

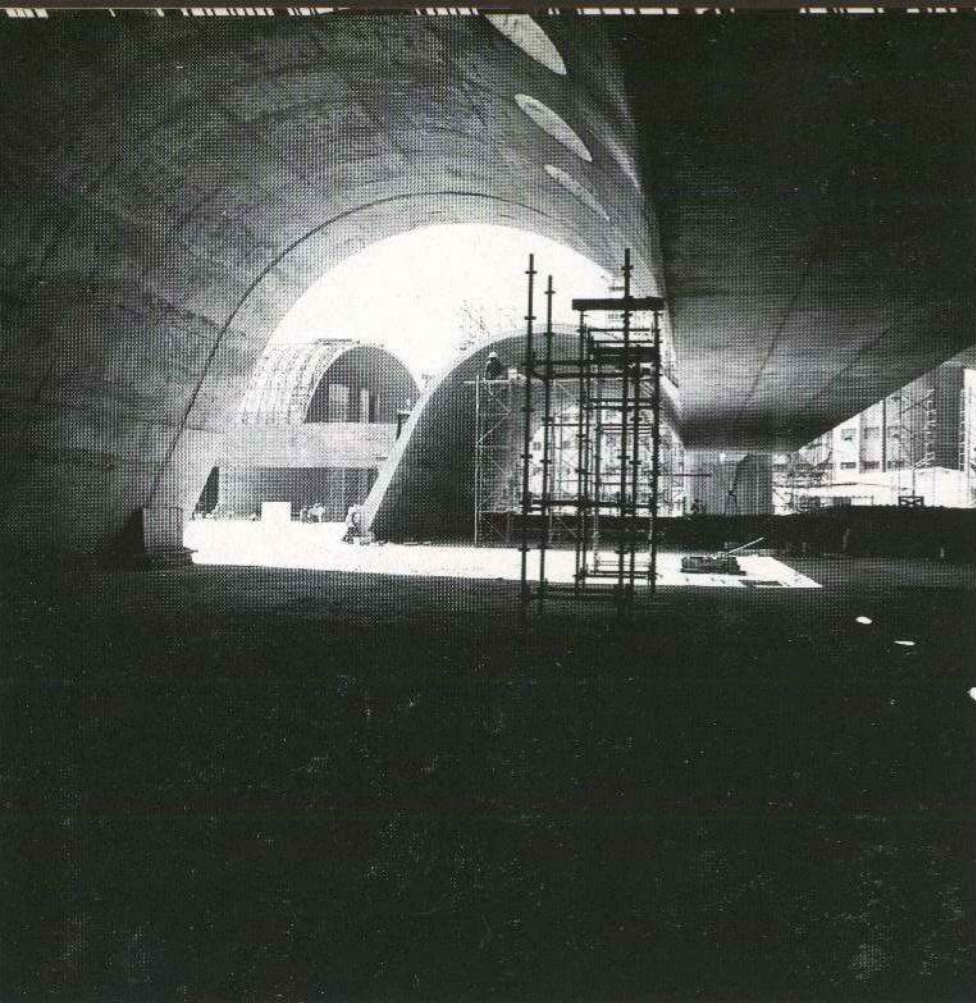


CRÔNICA DE UM NASCIMENTO



dia 10 de janeiro de 1988 foi domingo, dia em que normalmente se descansa em todo o mundo.

Como uma espécie de advertência de que aquele seria um ano peculiar em sua vida, foi justamente naquele domingo que Oswaldo Gonçalves começou a trabalhar na obra que ocuparia todas as suas horas nos catorze meses seguintes. Ao amanhecer do dia 10 de janeiro de 1988, esse veterano mestre de obras mergulhou pela primeira vez a bota do pé direito no lamaçal existente no bairro da Barra Funda, zona central de São Paulo, ao lado de onde estava sendo construída uma estação de Metrô.



durante meses e meses que se seguiriam, estava uma chuvinha fina e intermitente. E foi por trás daquela chuvinha, daquela cortante cortina de água, que Oswaldo Gonçalves e outros dois mil operários trataram de erguer as formas inesperadas do Memorial da América Latina.

Mesmo escudado em seus 46 anos de experiência na construção, mesmo tendo trabalhado com nomes de primeira linha da arquitetura brasileira, Oswaldo Gonçalves sabia que tinha acabado de entrar numa aventura. Para começo de conversa, o prazo era mínimo. Para complicar ainda mais, ele foi logo informado de que as primeiras estacas fincadas tinham afundado num subsolo macio e traiçoeiro. As fundações do Memorial são muito mais profundas do que o normal, e isso não se deve a nenhum desejo de buscar as verdadeiras raízes da América Latina: é que o lençol de água do subsolo simplesmente sugou as primeiras estacas.

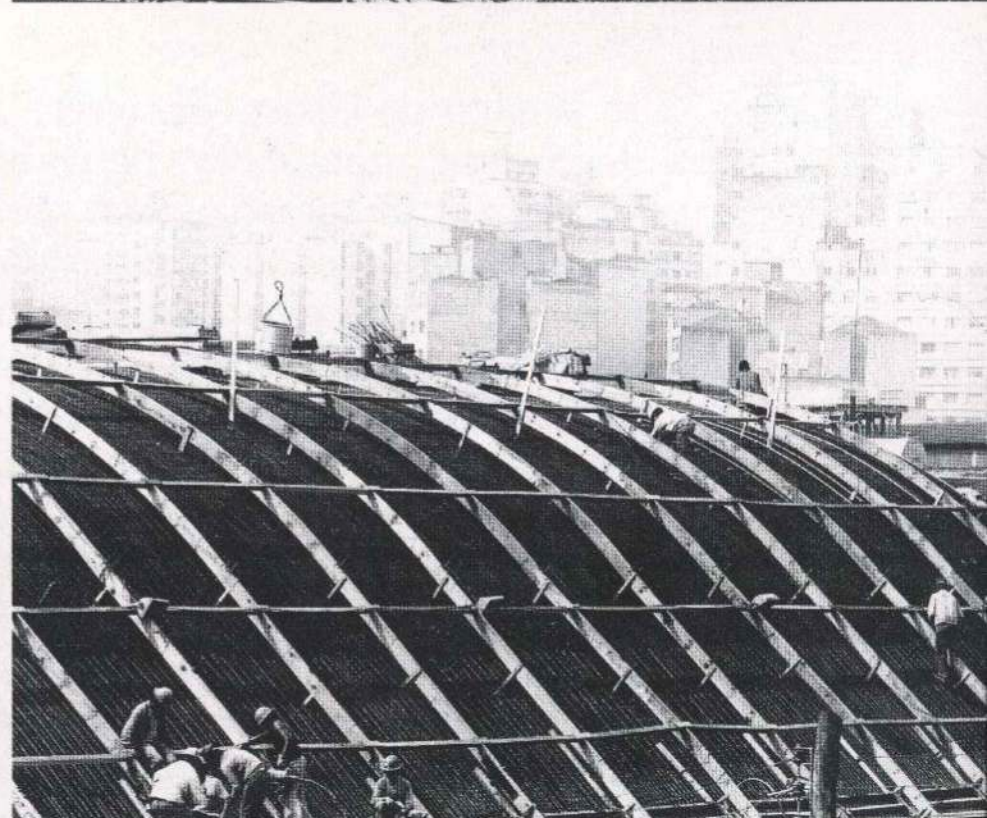
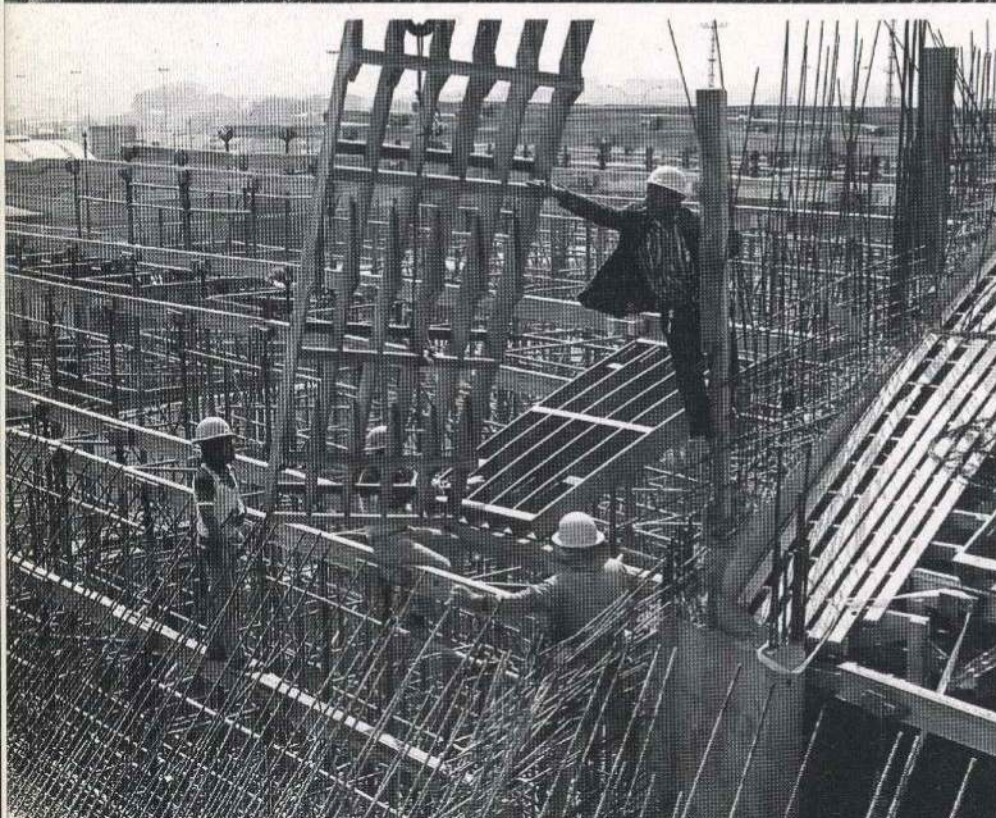
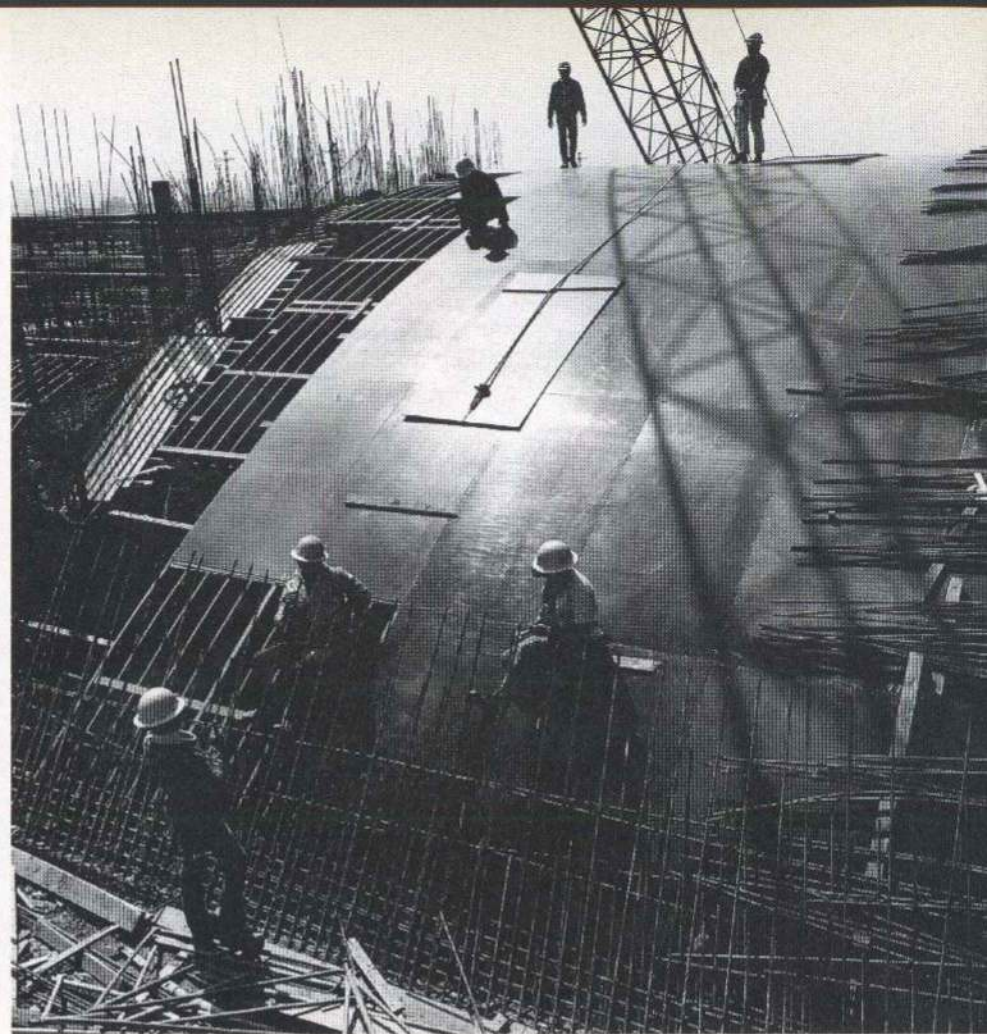
E se a obra tinha começado com esse imprevisto, outras dificuldades



Um projeto de Oscar Niemeyer, depois de terminado, é sempre uma prova da enorme capacidade criativa de seu autor, de sua insistência em dar novos vãos à imaginação. Mas, para quem o constrói, um projeto de Niemeyer costuma ser no mínimo um desafio às leis das probabilidades. A insistência do arquiteto em derrotar o ângulo reto e inventar novas e desconhecidas suavidades para as curvas torna sua construção um mistério, capaz de desafiar a mais delirante das imaginações.

E, para complicar ainda mais sua feitura, havia — além do calendário apertado, além das curvas — aquela chuvinha insistente, mortal para o concreto.

Naqueles primeiros dias de trabalho, Oswaldo Gonçalves contemplava o lamaçal através da cortina fina da chuva, olhava os traços do projeto na planta, enfrentava a maquete tentando imaginá-la transformada em gigantesca realidade, e sentia o frio da incerteza.









E, num contraste irônico, o clima que acompanhou praticamente todos os meses da construção desapareceu: no dia 18 de março de 1989, quando foi inaugurado o Memorial, os céus de São Paulo castigaram a platéia presente à cerimônia com um sol inclemente, que fez com que todos os convidados exibissem nos dias seguintes a aparência de quem tinha desfrutado prolongadas férias a beira-mar.

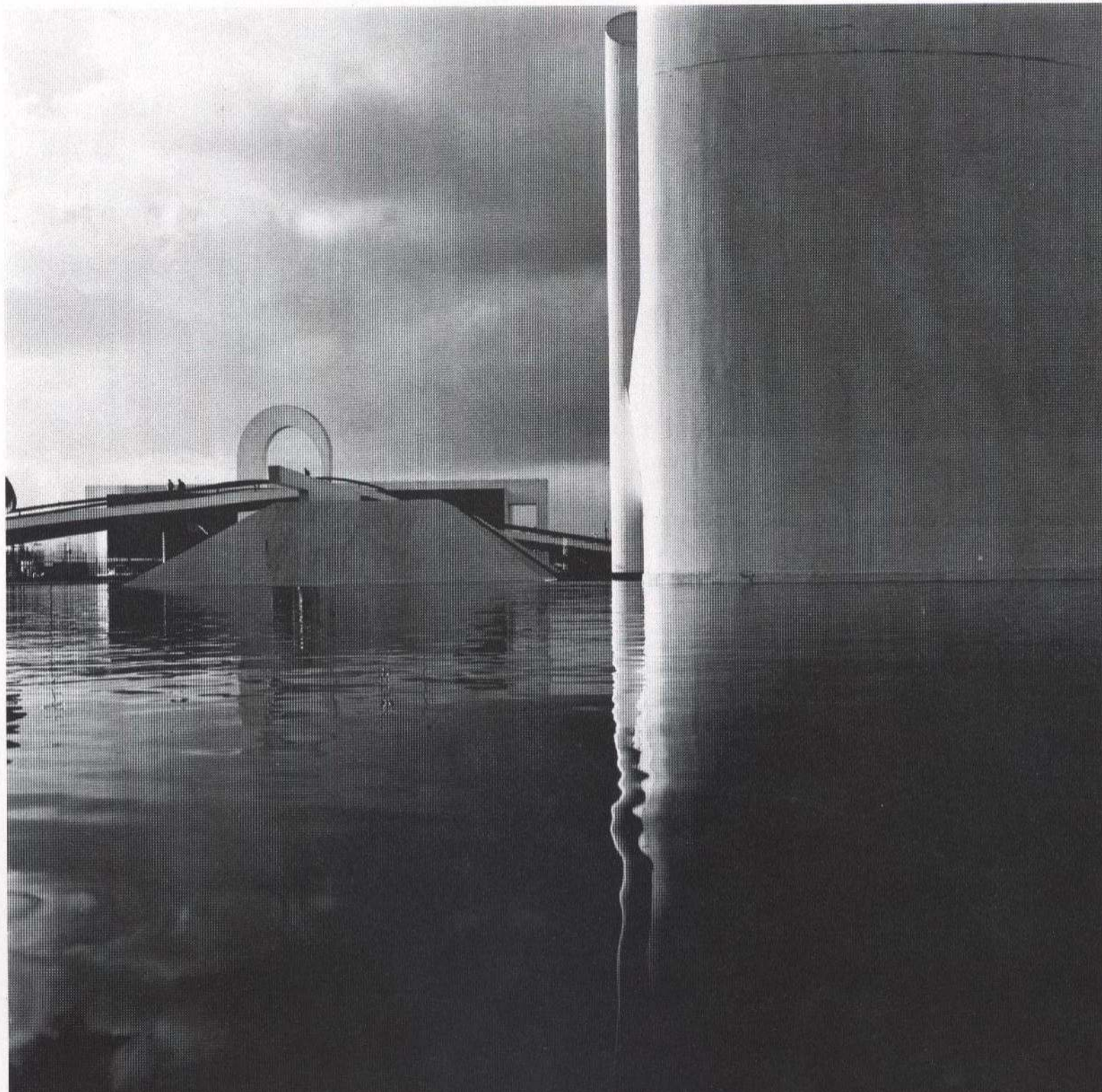
Os homens que ergueram as estranhas formas criadas por Oscar Niemeyer seguiram sua vida errante de operários da construção. Oswaldo Gonçalves não: o veterano mestre-de-obras ficou por lá, encarregado da manutenção do que ajudou a construir. E agora é com um sorriso carregado de confiança, e sem disfarçar o orgulho, que ele passeia pelo Memorial sem esconder que, de todas aquelas formas, sua predileta é a do Salão de Atos. Mas, com o estranho constrangimento de um pai que é apanhado na confissão descuidada do filho predileto, ele se apressa a explicar que tudo ali é muito bonito. E do alto da passarela, depois de passear os olhos pelos 20 mil metros quadrados dos diferentes blocos que compõem o Memorial, espalhados por uma área de 70 mil metros quadrados, ele pergunta: “Muito bonito, não é mesmo?” e não precisa esperar pelo





A trajetória do Memorial, entretanto, vem de muito antes que o dia no qual a primeira estaca afundou no solo úmido de um terreno da Barra Funda. A idéia partiu de Orestes Quércia quando ele era candidato ao governo de São Paulo, o mais rico e populoso Estado brasileiro. Político do interior, Quércia não faz parte da lista de intelectuais que abandonaram os claustros universitários para abraçar a militância partidária e a disputa de votos populares. Seu currículo não apresenta a publicação de estudos ou ensaios sobre a complexa realidade da América Latina.

No entanto, ele sempre afirmou na prática sua preocupação com a distância que separa o Brasil dos países vizinhos e sempre defendeu a necessidade de se buscar instrumentos e caminhos capazes de promover rapidamente a integração entre as nações da América Latina. Dez anos antes de inaugurar o Memorial da América Latina, e quando era senador, Orestes Quércia já insistia em chamar a atenção de seus colegas e do país



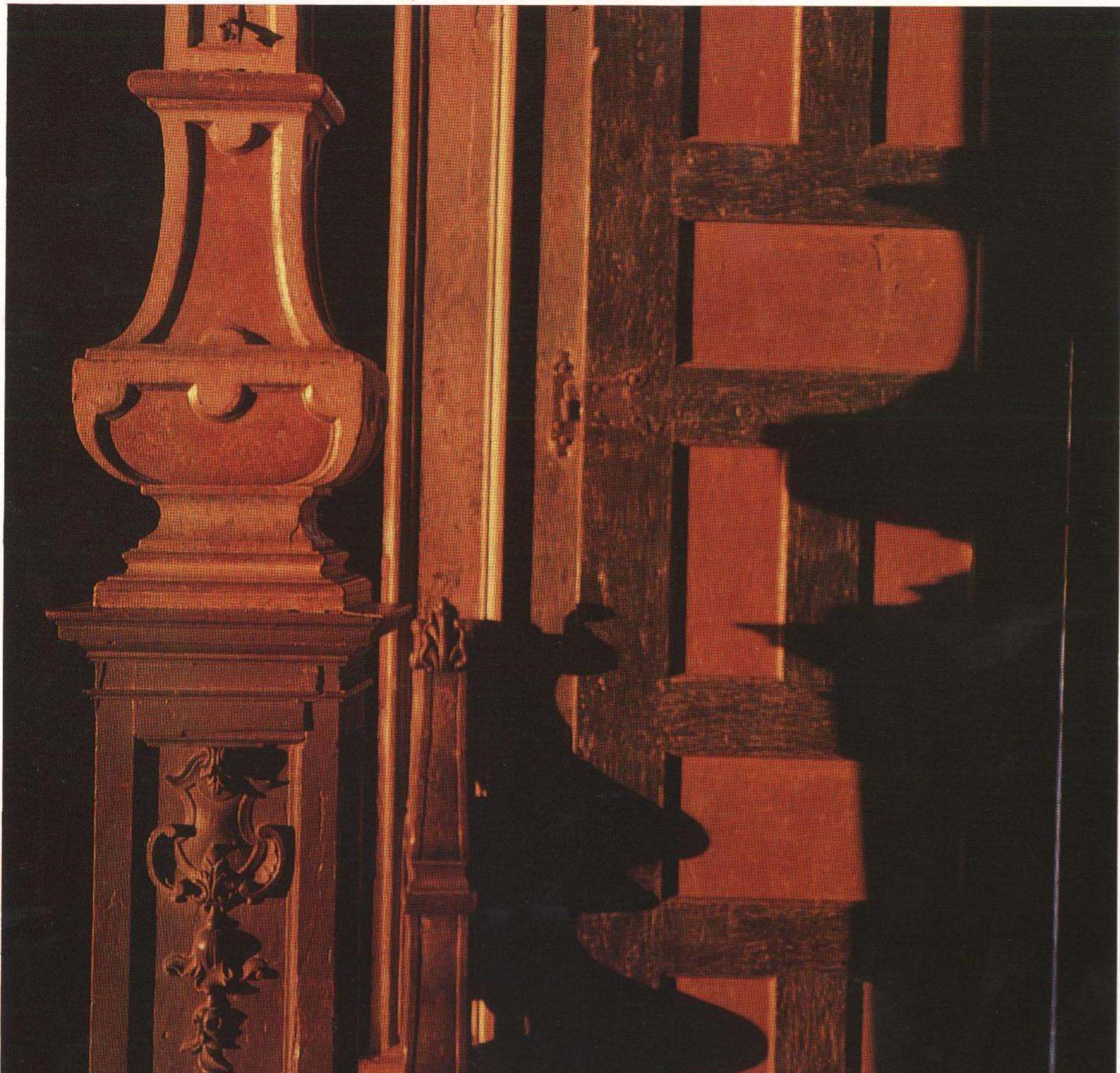
Orestes Quércia faz parte de uma geração de brasileiros — aqueles nascidos antes da Guerra da Coréia — para os quais a América Hispânica fazia parte do cotidiano, e não através de teses, estudos e ensaios: o continente vinha através dos boleros e das guarânias, dos filmes de Maria Felix distribuídos pela Pelmex, do tango e de Cantinflas. Tudo isso fazia parte da vida e terminou sedimentando-se na memória coletiva das pessoas. Não eram necessários discursos e livros para que os brasileiros sentissem, de algum modo, que faziam parte de um mundo diferente, próprio e coletivo.

Transformado em político, Quércia foi amadurecendo sua memória e acalentando a idéia de algum dia poder contribuir para que aquilo que parecia natural — a descoberta de uma identidade comum e o convívio com as expressões culturais do resto da América Latina — retomasse a caminhada interrompida com o regime militar instalado no país em 1964 e que tratou, primeiro, de sufocar a memória coletiva em relação à própria história contemporânea do Brasil, e depois de desfazer os laços tênues que nos uniam à sorte e ao destino dos nossos vizinhos.

Quando alcançou o governo de São Paulo, pôde enfim se dedicar à tarefa. E decidiu que o projeto de criar um centro de estudos sobre a América Latina só valeria a pena se fosse algo realmente grandioso, capaz de modificar a paisagem geográfica e despertar nas pessoas o interesse, o sentimento de aproximação com uma realidade ampla e rica — a realidade do continente.

Primeiro, convocou para elaborar o projeto arquitetônico o criador de algumas das mais belas e ousadas obras de arquitetura em nosso século, Oscar Niemeyer. O convite foi aceito de imediato, e o arquiteto sugeriu que o projeto cultural do Memorial fosse encomendado a seu velho companheiro de vôo, o antropólogo e escritor Darcy Ribeiro, possivelmente o intelectual brasileiro mais empapado do sentimento de *latinoamericanidad*, tão escasso quanto necessário entre os pensadores deste país.

— Eu sonhei com o Memorial da América Latina, exatamente com este nome e com estes objetivos. ainda quando candidato a governador —



Uma vez mais, naquela mesma época o governador de São Paulo repetia: “Sempre tive a preocupação de fazer o que estivesse ao meu alcance para integrar o nosso povo às nações latino-americanas. Somos parte da mesma terra e da mesma história”.

Na verdade, desde seus começos a história do Brasil e a de seus vizinhos correram por trilhos paralelos. E muitos preferiram fixar-se somente nas diferenças desses processos, deixando de lado suas muitas — e fundamentais — semelhanças. O Brasil foi descoberto e colonizado por portugueses — e durante catorze anos viveu a estranha realidade de ser colônia e, ao mesmo tempo, sede da metrópole —, enquanto os demais países foram conquistados e colonizados pela Coroa espanhola. Curiosamente, o descobridor da América, Cristóvão Colombo, buscou primeiro o apoio da Coroa portuguesa para sua aventura, sem nenhum êxito. Coube à Corte espanhola patrocinar sua viagem e ficar com o quinhão mais extenso das terras descobertas. Se Colombo tivesse conseguido convencer os reis portugueses, talvez fosse ainda mais homogênea a colonização dessas novas terras.

Uma série de bulas papais emitidas entre 1492 e 1494 concediam aos Reis Católicos da Espanha os privilégios da conquista iniciada por Colombo. Eram de jurisdição espanhola todas as terras conquistadas a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde e Açores. Dom João II, rei de Portugal, reclamou ao Papa, e novas bulas trataram de conceder aos portugueses certos direitos. Quando a tensão entre as duas potências começava a alcançar proporções inquietantes, chegou-se a um acordo, através do Tratado de Tordesilhas, sobre a repartição do “mar oceano”, respeitando os direitos de Portugal e Castela, mas a demarcação exata jamais foi efetuada. Se tivesse sido respeitada, essa demarcação teria feito com que o Brasil de hoje fosse dono de apenas um terço de seu território.

Deve-se recordar ainda que ao longo de trinta anos — desde o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral até a chegada da expedição de Martim Afonso de Sousa em 1530 — a Corte portuguesa não

não era um *navegante*, sua expedição não tinha como finalidade explorar novas terras, e sim estabelecer comércio com o porto de Calicute, na Índia. Da mesma forma que a América inteira, o Brasil foi descoberto por acaso.

Houve expedições de exploração em 1501 e 1502, que percorreram boa parte do litoral, chegando à conclusão de que não se tratava de uma ilha, como supunha Cabral. Diversos historiadores afirmam que naquela época os reis portugueses mantinham o mais absoluto sigilo sobre seus novos descobrimentos, para resguardá-los da cobiça de nações mais poderosas. Por outro lado, a nova colônia não oferecia maiores atrativos: era demasiado extensa, produzia madeiras mas não havia indícios do que realmente valia a pena, ou seja, metais preciosos ou especiarias. Era a época em que as Índias simbolizavam o sonho dourado, quando um saco de pimenta valia a mesma coisa que um saco de ouro, e a façanha de Cabral não despertou nada além de decepção e tédio. A madeira que a colônia oferecia exigia custos elevados de manutenção e defesa da grande extensão territorial onde era produzida. O extenso litoral despertava a avidez dos demais países europeus, prejudicados pelo Tratado de Tordesilhas. Sem a perspectiva de obter benefícios imediatos, o rei de Portugal empreendeu uma tarefa demasiado custosa: a exploração da nova colônia. Mas a partir de então a Coroa abandonou, na prática, o novo território.

A primeira expedição colonizadora encontrou naquelas terras abandonadas alguns franceses, que foram expulsos. Deu-se início assim à fundação de aldeias portuguesas. Naquela época, os espanhóis já tinham avançado muito em seu processo de colonização. Antes mesmo de 1540 as colônias espanholas se estendiam por praticamente todo o território conquistado, enquanto o Brasil tinha uma população dispersa e concentrada basicamente na costa. Os conquistadores portugueses eram “donatários”. Suas empresas eram privadas, sem nenhum apoio da Coroa, e seu resultado dependia basicamente da fortuna ou da sorte do empresário. Poucos foram os núcleos que conseguiram prosperar.

Em 1580 produziu-se a união dos reinos de Portugal e da Espa-

surgiu nenhuma aproximação entre o *subcontinente* brasileiro e seus vizinhos. Havia invasores em vários lugares do Brasil — holandeses no nordeste, franceses no norte e no litoral centro-sul — e a luta para expulsá-los acabou por levar forças de ocupação e colonização muito além dos limites precários assinalados pelo Tratado de Tordesilhas. E assim, em pouco mais de cem anos, a Coroa portuguesa duplicou suas possessões iniciais na América do Sul.

Expedições organizadas para prender indígenas e convertê-los em escravos terminaram avançando, entre 1628 e 1641, contra as missões dos jesuítas espanhóis em vários lugares do que é atualmente o interior do Brasil meridional. Ao longo do século XVIII, as expedições portuguesas foram povoando a região centro-oeste e acrescentando novos territórios ao mapa original da colônia. Houve novos tratados com a Espanha, mas o avanço expansionista não mudou de ritmo, apenas de rota: vastos espaços da Amazônia foram conquistados pelos portugueses.

O ritmo diminuiria até quase a paralisação em 1822, com a declaração de Independência do Brasil. Paralisação relativa, que em parte se explica pelas mesmas contingências políticas do processo de independência, com focos de agitação interna que dificultaram sua consolidação, e por um período de grande prosperidade da economia agrária destinada à exportação: a hegemonia absoluta exercida pela região centro-sul relegou a um segundo plano o avanço na direção do interior. O Império Brasileiro (1822/1889) e os primeiros anos da República consumiram tempo e energia em obter o reconhecimento internacional de suas fronteiras e em consolidar o controle e a soberania sobre territórios herdados da Coroa portuguesa. No entanto, houve tempo e energia suficientes para que a expansão prosseguisse, principalmente na Amazônia. Nos primeiros anos do século XX produziu-se o mais recente aumento territorial: os 200 mil quilômetros quadrados do território do Acre, cedidos pela Bolívia após uma rápida ação militar e através do pagamento de uma indenização de dois milhões de libras esterlinas, além da promessa de se construir uma ferro-

Assim, o resultado do insistente confronto de interesses entre as Coroas de Portugal e Espanha, bem como a colonização que ambas empreenderam, foi ao longo da história marcando distância entre o Brasil e seus vizinhos. A consciência americanista palpável nos países hispano-americanos não é, nem de longe, uma característica brasileira. A comunidade de interesse vislumbrada por Simón Bolívar, José Martí e San Martín, que ultrapassava as fronteiras da “pátria pequena”, é uma visão hispano-americana — a “pátria grande” — que jamais chegou a contagiar os brasileiros.

Uma série de fatores internos e externos, positivos e negativos, que vão desde a crise do petróleo de 1974 até o crescimento incontrolado da dívida externa, passando pelo retorno de quase todos os países da região a regimes civis eleitos ou de transição democrática, coincidem hoje para fortalecer de maneira particularmente favorável as futuras relações entre o Brasil e seus vizinhos.

Pela primeira vez desde a brusca interrupção da normalidade constitucional ocorrida em vários países da América do Sul a partir de 1964, o Brasil parece disposto a olhar o resto da América num tom de igualdade. Acontecendo isso, os brasileiros confirmarão, com certeza, a existência de fortes diferenças em relação à maioria de seus vizinhos, mas poderão confirmar também a existência de muitíssimos pontos de identidade que se mantiveram ocultos. O verdadeiro descobrimento da América pelos brasileiros será um processo inevitável. E um passo fundamental para que isso se acelere é justamente tirá-lo da órbita dos discursos oficiais e do comércio bilateral e levá-lo para a consciência do povo. Quando essa união enfim ocorrer, não há dúvida que o samba continuará sendo samba e o tango continuará sendo tango, da mesma forma que a feijoada será feita à sua maneira e os *moles* mexicanos cumprirão todo seu ritual de feitura. O pisco e a cachaça manterão suas fórmulas ancestrais, o *cebiche* e a *parrillada* respeitarão sua história e tradição. Mas as danças e as mesas sairão



É imbuído deste espírito e desta certeza, e consciente de todos esses antecedentes da história, que se fez o projeto do Memorial da América Latina.

Desde o surgimento da idéia, um objetivo norteou o Memorial: criar um grande centro de estudos dedicado à cultura do continente. Ou, na explicação de Darcy Ribeiro, “uma enorme universidade aberta a





Aliás, a idéia do governador Orestes Quércia foi concretizada em dois projetos que foram criados em total harmonia por Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro: a ousadia das formas, a ousadia da programação cultural.

Em seu projeto original, assim Darcy Ribeiro definiu o Memorial: “Foi concebido para operar como um amplo conjunto arquitetônico des-

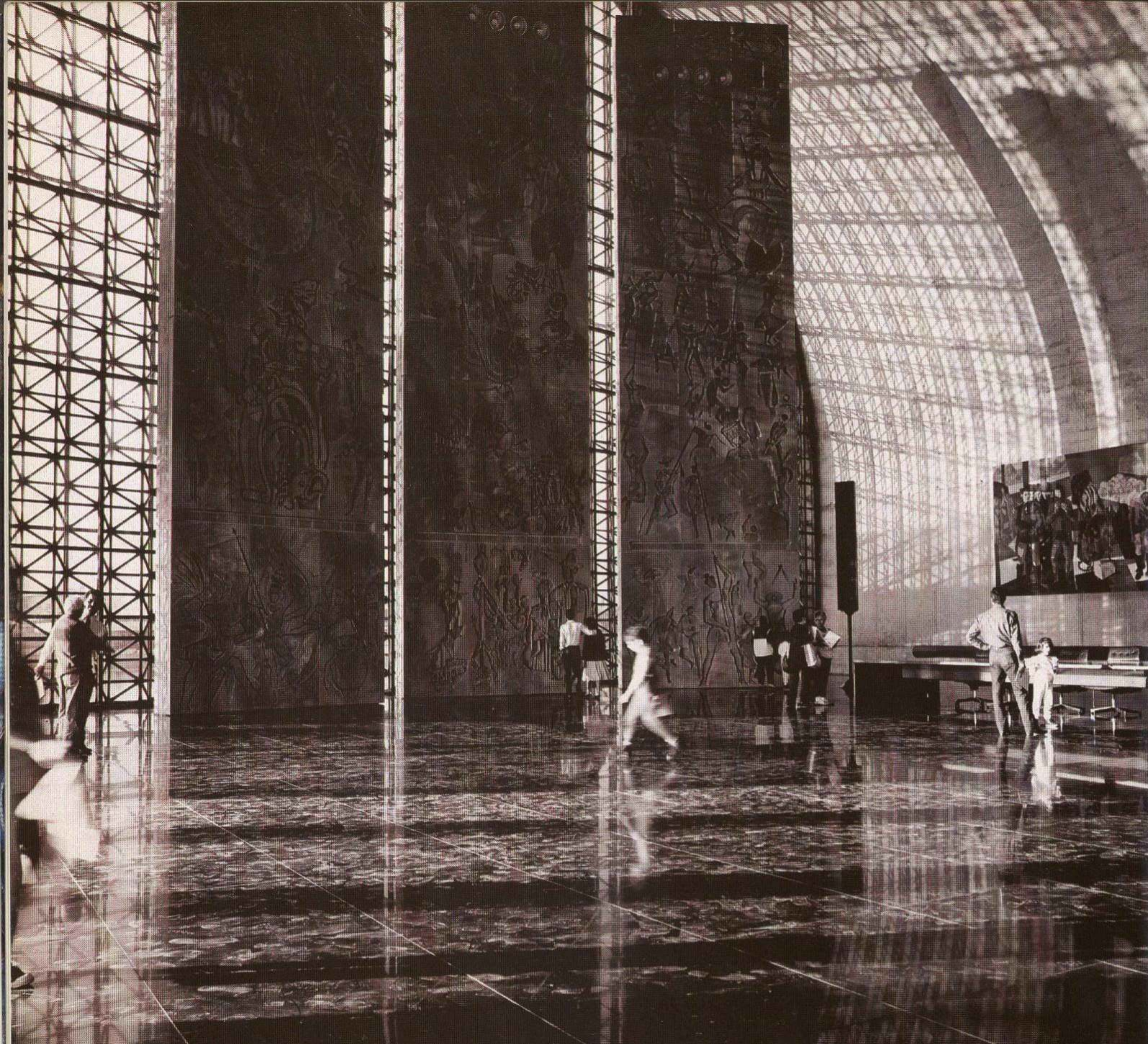




- estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil e de São Paulo com a América Latina;
- constituir-se como um instrumento concreto de colaboração científica e tecnológica, cultural e educativa;
- coordenar iniciativas internacionais, de alcance continental, que encarnem os interesses dos povos latino-americanos;
- aprofundar a convivência e a amizade dos povos da América Latina, dando aos brasileiros e aos paulistas um papel ativo na promoção da solidariedade latino-americana;
- operar como núcleo de criação e intensificação de uma consciência crítica latino-americana, marcada por sua lucidez, frente à realidade presente e altamente motivada para a superação do atraso e da dependência;
- fomentar todas as formas de expressão da identidade latino-americana e de incentivo à criatividade cultural;
- organizar e manter um centro de informações básicas, que retrate a realidade latino-americana em todos os seus aspectos, através de uma biblioteca especializada e de um banco de dados;
- difundir o conhecimento objetivo da história dos povos latino-americanos, acentuando o orgulho da nossa identidade, como um dos principais blocos mundiais e como matriz de uma futura civilização, generosa e solidária;

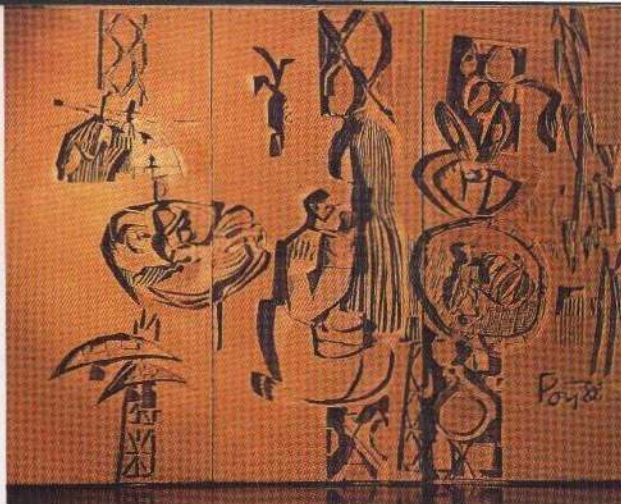


Essas linhas-mestras do projeto cultural do Memorial soam, é verdade, a coisa ambiciosa. E o som corresponde exatamente à verdade: o projeto do Memorial é ambicioso em todos os sentidos, porque é preciso a vontade política e toda a ambição de idéias para corresponder ao esforço exigido pela tarefa de despertar nos brasileiros a consciência e a sensibilidade para aproximar-nos de nossos vizinhos. Para concretizar essas linhas-mestras, o projeto do Memorial da América Latina

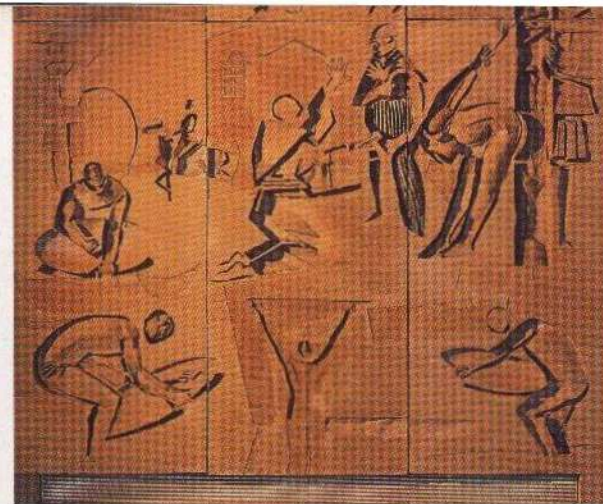




CARYBÉ (Hector Paride Barnabó)



POTY (Napoleon Potyguara Lazzaroto)



Painéis heráldicos em baixo-relevo, 15,00 x 4,00 m

“— *O Salão de Atos*: destinado, em dias especiais, a solenidades e recepções presididas pelo governador do Estado. Nos dias comuns, está aberto ao público, principalmente à população escolar, que ali aprecia o *Painel Tiradentes*, de Cândido Portinari, além dos seis painéis heráldicos, em baixo relevo, criados por Poty e Carybé.”
Esses painéis heráldicos, na previsão do projeto do Memorial, eram assim descritos:

“— *O Painel dos Povos Indígenas*: memorativo das glórias e das dores vividas pelos povos aborígenes com matrizes da formação dos povos latino-americanos.

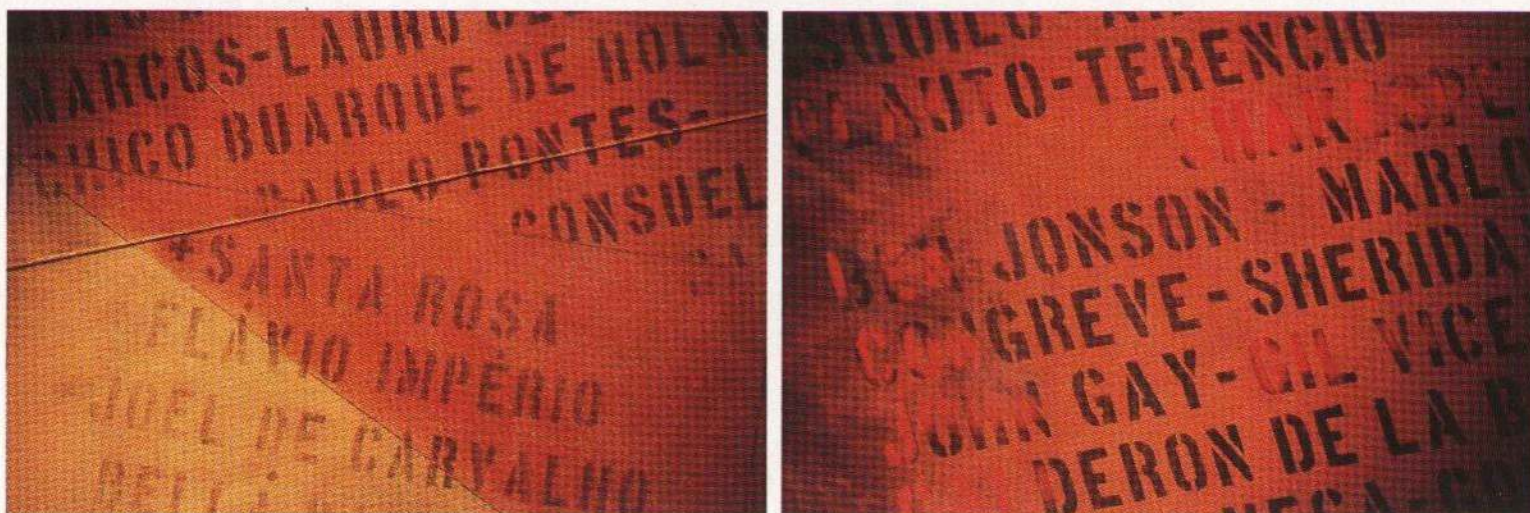
— *O Painel dos Povos Afros*: honra a alta contribuição dos africanos, como braços, como ventres e como culturas cuja presença foi decisiva na constituição dos povos latino-americanos.

— *O Painel dos Iberos*: recorda a ação histórica de Portugal e da Espanha no fazimento dos povos latino-americanos modernos, com destaque especial para o papel de Portugal como primeira nação que se estruturou como Estado nacional e se lançou na aventura lusitana de derramar gentes pelo mundo afora, como forjadora de povos, especialmente do povo brasileiro.

— *O Painel dos Imigrantes*: expressa o prodigioso movimento de gentes que, saindo dos quatro cantos do mundo, vieram nos trazer sua contribuição para aqui se construir a prática aspirada da liberdade e da prosperidade co-participada graças aos esforços de iberos, ítalos, germanos, francos, eslavos, nipônicos e de tantas outras etnias.

— *O Painel dos Libertadores*: recorda os heróis que lutaram e lutam pela Independência, pela Liberdade, pela Democracia e, especialmente, pelo ideal de construir nas Américas uma civilização criativa e uma sociedade solidária.

— *O Painel dos Edificadores*: honra os homens de ação, os administradores e os empresários que, por seu esforço, integram e estão integrando a América Latina na economia do mundo, como uma



CARLOS SCLIAR — *"Homenagem ao Teatro"*

Se assim era a idéia de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer para os gigantescos painéis, sua feitura foi uma das atrações para os operários que erguiam o Memorial. Dois dos mais notáveis artistas brasileiros, Poty e Carybé, trabalharam durante meses num galpão no canteiro de obras. Para os operários, eram “os velhinhos do isopor”. É que os dois elaboraram os moldes em isopor, na complicada técnica do baixo-relevo, que consistia exatamente em desenhar e esculpir o contrário do que aparecia impresso nos grandes blocos de concreto. “Trabalhamos pelo avesso”, explicava na época o artista Carybé. “Um trabalho do contra”.

Foram seis longos meses nos quais os dois artistas viveram no ritmo febril da construção, do amanhecer ao cair da noite. Sábado, domingo e feriado tornaram-se apenas referências de memórias passadas: durante esses meses, Carybé e Poty não pararam um só dia.

Mas se estes três notáveis artistas brasileiros — Poty, Carybé e Portinari — estão no Salão de Atos, por todo o Memorial espalham-se obras de nomes consagrados em nossas artes. Previstos no projeto arquitetônico, esses trabalhos formam um acervo exemplar do que há na primeira linha das artes contemporâneas brasileiras. No Auditório, por exemplo, existe uma tapeçaria de Tomie Ohtake de 600 metros quadrados, além de um painel de Carlos Scliar e outro de Vitor Arruda. Uma escultura de Alfredo

